

As histórias e os meninos de Ana Maria Machado:



RAUL DA FERRUGEM AZUL

Capítulo 1

A ferrugem descoberta

- E gente enferruja?

Raul nem estava conseguindo dormir, de tanto pensar e repensar. Mil perguntas na cabeça.

- Será que é bolor? Pode ser... É meio azulado. Mas não tem jeito macio feito coisa embolorada. Parece mais ferrugem.

Estava assim, pensando e pensando, desde a hora do recreio na escola, quando descobriu as manchas azuis no braço. Primeiro até pensou que fosse tinta. Só que não tinha jeito de tinta. E ele também não podia ficar o tempo todo parado no meio do pátio olhando para o braço, reparando nas manchas, pensando no que seria. A cabeça dele ainda estava muito ocupada com o pensamento da briga e com a raiva. Da briga que nem houve. Mas que bem que devia ter havido.

Só de pensar, Raul ficava outra vez com raiva. Com muita raiva. E no escuro, deitado na cama, esperando o sono que não vinha, lembrava de tudo, como se estivesse vendo agora.

Aquele chato do Márcio veio do quadro-negro, passou junto da carteira dele e disse:

- Careta!

Disse isso como sempre dizia. Meio baixo para o professor não ouvir, meio alto para os colegas ouvirem. Raul já sabia o que vinha depois. As risadinhas dos outros. Os olhares debochados. E a raiva dentro dele.

Nem ao menos podia bater no Márcio um dia. Em menino menor não se bate, é covardia. E não havia jeito do Márcio crescer até ficar do tamanho dele. Quanto mais o Márcio crescia, mais ele crescia também. E nunca empatavam. Claro que Márcio não precisava nem crescer muito até ficar do tamanho do Zeca, por exemplo. Aí já era demais, era até capaz de dar uma surra em Raul, que na certa o Márcio não ia ligar

nada para essa bobagem de não bater em menino menor. Mas podia pelo menos ficar da mesma altura que ele.

Uma coisa que Raul não entendia era pra que essa implicância. Sabia que o pessoal gostava dele. Até que eram amigos. Só que ele não era de meter em brigas e mesmo quando não gostava de alguma coisa que os outros faziam, não dizia nada. Não chateava os outros. Não entregava ninguém. Não desobedecia. Não dava resposta malcriada. Não gritava com ninguém. Todo mundo sabia que ele era um menino bonzinho e comportado.

Só não sabiam é da raiva dentro dele. Nem das perguntas girando na cabeça.

Depois, lá fora, no recreio, Márcio passou correndo e arrancou os óculos do Guilherme, de brincadeira. Foi tudo tão rápido que nem deu pra ver direito. Só deu para ver logo os óculos no chão, quebrados, e o Guilherme furioso, chorando, xingando, berrando:

- Agarra ele aí, Raul!

Raul agarrou. E ouviu:

- Dá uma surra nele.

Vontade bem que tinha. Mas em menino menor não se bate. Nem quando ele é abusado, implicante, chato. Também não tem essa de ir contar ao professor. O jeito é esperar o outro crescer. E ir ouvindo: - Pô seu idiota, que é que você está esperando? Enche ele de porrada...

Podia dizer que ia esperar ele crescer? Podia não. Só disse:

- Vamos, pede desculpas ao Guilherme.

- Corta essa, cara. Que desculpa coisa nenhuma.

Aí o Guilherme já vinha chegando e enchendo o Márcio de bolacha, e num instante os dois estavam atracados, no chão, rolando, a garotada toda em volta gritando, o inspetor levando os dois para a secretaria.

E Raul no meio do pátio pensando:

- Ai que vontade de descer o braço nele...

Foi bem aí que ele olhou para o braço e viu umas manchinhas azuis que nunca tinha visto antes. Passou o dedo. Não saiu. Passou cuspe. Não saiu. Foi até à pia,

lavou com sabão, esfregou com força. Não saiu. E não era uma manchinha só. Tinha uma porção. Achou melhor vestir o casaco.

Na hora da saída, bem que os colegas chamaram:

- Vamos tomar um sorvete?

- Não, estou com pressa, tenho que chegar cedo.

E tinha mesmo. Só pensava em passar álcool, xampu, detergente, qualquer coisa no braço. Até saírem as manchas. Mas não saíram.

Ficou pensando: sempre as perguntas girando na cabeça:

- Que será que o pessoal lá em casa vai dizer? Será que eu estou doente? Sarampo azul? Alergia? Será que pingou tinta? Será que é bolor?

Podia ser, quem sabe? Lembrava muito bem que, nos livros de Monteiro Lobato, às vezes o Visconde de Sabugosa caía atrás da estante e embolorava. Vai ver, era isso – livro embolora. E como ele vivia lendo... É... devia dar bolor... Era só passar a tarde ao ar livre, no sol, que ia ficar bom.

Mas não ficou.

E de noite, deitado na cama, enquanto o sono não vinha, teve certeza de que era ferrugem. E não conhecia nenhuma receita para tirar ferrugem, ainda mais azul.

Capítulo 2

As manchas se espalham

Ainda bem que ninguém tinha reparado. No começo, Raul tinha ficado com medo de que vissem. E os professores. E a mãe. E o pai. Depois, descobriu que ninguém via. Aí bem que ele esticava o braço na frente do pai e da mãe, na hora da mesa, passando prato para lá e para cá. Só para ver se alguém dizia alguma coisa e ajudava ele a entender o que era, sem precisar pensar tanto. Mas ninguém viu nem falou nada. Acabou perguntando:

- Mãe, está vendo alguma coisa diferente no meu braço?

- Estou, sim, filho. Você está cada dia mais forte. Também comendo desse jeito...

E o pai completou:

- Isso mesmo, Raul. Ta com um muque de fazer inveja...

Era isso: ninguém via as manchas azuis. Pelo menos tinha esse consolo – eram invisíveis. Quer dizer, para os outros. Ele bem que continuava vendo. E mesmo quando não via, sabia que elas estavam ali.

Os dias passavam, as manchas não sumiam, também não aumentavam. E ninguém mais via. Raul acabou até se acostumando com elas e esquecendo. Não perdia mais o sono por causa de azul nenhum.

Uma tarde, Raul estava voltando do futebol com os amigos, todos na maior animação, comentando o jogo, quando um dos meninos mostrou a cena mais adiante, na calçada do outro lado da rua:

- Olhem só o que aquele cara está fazendo!

O cara, com um cigarro na mão, ia furando um por um os balões do moleque vendedor que fazia ponto na esquina. Um a um iam sumindo, pou! , cadê o vermelho?, e o laranja?, pou! e o branco enorme? – pou! lá se foi o verde... – pou! e outro vermelho! – e o amarelo e o azul... pou! pou!

O moleque gritava, esperneava, chutava, mas com as mãos ocupadas com os outros balões e mais os cata-ventos e bandeirolas não podia se defender direito e pedia ajuda.

Raul era bom de corrida. Se resolvesse, estava lá num instante. Era só correr e ajudar a espernear e a chutar. Bem que teve vontade. Mas como os colegas não se mexeram e ficaram olhando de longe e dando gargalhada, ele também não saiu do lugar. Não estava achando a menor graça e não conseguia rir. Mas também não se mexeu.

Ficou só sentindo vontade de ajudar o menino, de dar umas passadas largas, correr até lá, espernear, chutar. Mas ficou ali, como se estivesse grudado no chão. Olhando para os pés, o tênis, as meias, as pernas.

E que era aquilo na perna? Não era lama do campo, nem suor do futebol. Parecia uma manchinha azul igual à do braço. Seria?

Em casa, depois do banho e de um bocado de esfregação, não tinha mais dúvida. Agora ele já conhecia a ferrugem azul. Não saía, ninguém via. Mas pelo jeito se espalhava. Ele tinha que descobrir o que era. E dar um jeito naquilo.

Voltou a pensar muito em todo aquele mistério. Nas manchinhas que não queimavam, não coçavam e não passavam. Não doíam, não ardiavam e não sumiam. E ele sabia que eram ferrugem. Que estava com os braços e as pernas enferrujando, emperrando. Um problema dele, que só ele podia resolver.

Só ele?

No dia seguinte, de repente achou que não.

Foi no futebol. Numa boa corrida, pegou a bola quase saindo do campo, ajeitou, centrou num passe lindo. Foi só o Zeca completar. Gol decisivo. O time deles ganhou a partida. No final, todo mundo alegre:

- Golaço, Zeca! No canto, bem colocada. Nunca que o Lombriga ia defender essa. Nem que ele fosse de borracha.

Todo mundo cumprimentava o Zeca. Também, artilheiro, forte, boa pinta, dançando melhor que todo mundo...

Aí foi a surpresa de ouvir Zeca dizer:

- Pô, gente, o abraço não é para mim, não. A festa é com o Raul. Se não fosse o passe dele, o gol não saía...

- É mesmo. Timão...

- Ninguém pode com a gente.

- Só tem cobra...

Pronto! Raul já ficou pensando outra vez. No futebol é assim: um agarra no gol, outro dá um tranco, outro centra, outro chuta em gol. Ninguém pode jogar por onze. No campo, ele entendia isso. Como é que fora ficava querendo dar uma de super-homem? Resolveu conversar com Guilherme. Mas também não conseguia abrir tudo. Se ninguém via a ferrugem azul, como é que iam acreditar nele? Começou um papo todo cheio de voltas:

- Guilherme, como é que você faz quando não consegue resolver um problema sozinho?

- Sei lá, cara. Às vezes peço uma mãozinha ao meu irmão mais velho. Ele é muito bom em matemática.

- E se não for problema de matemática?

- Ele é bom, também. Como ele sabe muita matemática, ele ajuda a resolver os outros problemas também. Faz as contas certinho, explica tudo até a gente entender. Se você quer, pega o caderno e vamos comigo até lá em casa, que ele quebra o galho.

Raul hesitou, mas Guilherme insistia:

- Pode vir. Ele é mais velho, já aprendeu tudo isso há mais tempo. Ele sabe das coisas...

Raul ficou sem jeito de dizer que o problema não era de matemática, nem de colégio, nem de caderno. Só disse:

- Não estou com problema nenhum, não. Só estava querendo saber.

E se despediu. Mas a idéia de um mais velho era boa. Só que ele não tinha irmão. E não ia conversar um negócio desses com irmão dos outros. Pai? Mãe? Professor? Se ninguém tinha reparado nada, não valia a pena perder tempo com eles. Também, ele sempre tinha conversado muito com gente grande. E agora também estava crescendo e descobrindo que isso nem sempre valia a pena. Ou valia? Quem sabe? Raul nunca conseguia encontrar direito as respostas. Quanto mais pensava, mais achava era pergunta.

Capítulo 3

Raiva engolida, garganta atingida

Na esquina, perto de casa, a turma batia papo. Raul deu uma paradinha. Bem a tempo de ouvir Alexandre contando o fim de uma estória de tentativa de assalto, correria, perseguição, um bando de pivetes...

- Ainda bem que consegui entrar no clube, passei pelo porteiro assobiando como quem não quer nada, disfarcei... E fiquei vendo pela grade, lá do lado de fora, os neguinhos todos parados, olhando. Até que cansaram de esperar, foram embora. E eu liguei pro meu velho me dar uma carona da volta do trabalho. Vê lá se eu ia arriscar sair dali sozinho quase na hora do jantar...

Márcio deu palpite:

- Ainda mais de noite... Preto no escuro a gente só vê quando chega pertinho...

Zeca começava também a contar sua estória:

- Outro dia eu estava indo para a casa da minha avó e quando saltei do ônibus vi um crioulinho mal encarado, parado na esquina... Fiquei logo de olho nele...

Raul nem conseguia prestar atenção na estória. Na cabeça dele dançavam uns pedaços da conversa: *os neguinhos todos parados... preto no escuro... um crioulinho mal – encarado...* Por que ninguém falava em *branco no claro*? Será que um dia ele ia ficar tão azul que as pessoas iam ver e falar num *azulzinho mal encarado*? Será que o menino contava aos amigos o encontro com o Zeca e dizia que desceu do ônibus *um branquinho de cara invocada*?

Mas essas eram coisas que Raul só pensava e não tinha coragem de falar. Vontade, bem que tinha. E raiva. Se tinha coisa que fazia ele ficar furioso, essa era uma delas. Isso de achar que a cor das pessoas faz alguém ser melhor ou pior do que os outros. Isso de racismo, de qualquer tipo. Mas com toda a raiva, não falou nada. Medo de que rissem dele. Hábito de não falar das coisas que iam dentro da cabeça.

Mas a raiva era forte. Para não acabar abrindo a boca e falando de qualquer jeito, engoliu o que ia dizer, fechou as palavras na garganta. E foi para casa sem nem ao menos se despedir de ninguém.

Na portaria do edifício tinha um espelho. Sempre que passava, Raul se olhava – disfarçado se tivesse alguém por perto, com calma se tudo estivesse deserto. Dessa vez, com pressa, se olhou meio de lado. E parou, num susto, todo espantado. Subindo o pescoço, cobrindo a garganta, azulando a boca, a ferrugem era tanta...

- Essa não! Agora vem para a cara! Assim também já é demais!

Furioso, desta vez Raul achou que tinha passado dos limites.

Já vinha com a raiva daquele papo da turma, com a dor de sua covardia engolida, e ainda ia ter que aturar essas desgraçadas dessas manchinhas? Até dentro da boca, na língua, na garganta? Coisa nenhuma! Desta vez, ia dar um jeito nelas. Nem que tivesse que esfregar até arrancar a pele. Nem que tivesse que falar mesmo com alguém. Nem que tivesse que ficar a noite inteira pensando até descobrir o que fazer.

Capítulo 4

A estória do velho da montanha

Pelo menos, uma sorte: o pai e a mãe tinham ido jantar fora. Sozinho na mesa da copa, na frente do prato, Raul podia dar toda a sua atenção ao problema. Ainda bem que não tinha ninguém, pensava ele.

Ninguém, como? E o prato de comida? Apareceu ali por mágica? Pô, que raiva, até ele estava entrando nessa? Muito confuso, começou a bater papo com a empregada:

- O Tita, cadê os velhos?

- Foram a um jantar, mas não sei onde, não. Sua mãe saiu toda bonita, você devia ter visto. Devia ser coisa importante. Ela até pediu para eu trocar minha folga e não sair hoje.

Raul olhou para Tita com mais atenção:

- Deve ser chato, né? A pessoa está toda crente que vai sair, passear, tem uma folga e tem que trocar... Seu namorado ficou muito zangado?

Tita explicou:

- Não, eu saio com ele amanhã. Chato é que hoje eu ia lá no morro falar com Preto Velho e agora vai ter que ficar para a semana que vem. Ele me ajuda tanto...

Indo e vindo da copa para a cozinha, trazendo sobremesa, levando prato, Tita ia falando muito interrompido, um pouco para ela mesma, outro tanto para o menino.

Raul, ouvindo e pensando, lembrava das estórias que tinha lido e ouvido desde que era bem pequeno, contadas por Tita e por outras Titas de nomes diferentes, contadas pela mãe e pelo pai, desenhadas em quadrinhos nas revistas ou escritas em livros com ilustrações. E ia fazendo sua própria estória. Ele sabia que não era exatamente isso que estava ouvindo. Mas o que estava entendendo era mais ou menos assim:

- Era uma vez um velho muito velho e muito sábio que morava sozinho no alto de uma montanha. Ninguém sabia quem ele era, nem de onde tinha vindo, mas os habitantes das aldeias próximas diziam que no mistério de sua origem havia antigos reis e guerreiros do outro lado do mar. E todos diziam que ele sabia os segredos da noite e tinha poderes mágicos, capazes de resolver os problemas mais complicados. Dos reinos mais distantes em longas jornadas cheias de aventuras e peripécias, vinham os mais

diversos cavaleiros consultar o Velho da Montanha e pedir seus conselhos cheios de experiência e sabedoria.

Era isso mesmo, pensava Raul. Esse Preto Velho só podia ser assim. Mas a estória continuava, com um personagem novo:

- Um dia, um jovem que morava na aldeia ao pé da Montanha Mágica foi atingido por um misterioso encantamento. Ninguém sabia, mas ele era um príncipe e seu sangue azul começou a aparecer na pele, ameaçando revelar a todos o seu segredo.

Bem sacada essa, continuou pensando Raul. Mas não convencia muito, não. Essa estória de príncipe não tem nada a ver com a gente. E sangue azul não existe. Cada vez que ele esfolava o joelho via muito bem que era vermelho. E se queria resolver o problema da ferrugem, era melhor olhar a situação de frente e deixar de bobagem.

- Você nem está me ouvindo direito, hein, Raul? – disse Tita interrompendo seus pensamentos.

- É que estou preocupado com um problema.

- Então, por que não vai falar com o Preto Velho?

É... Mesmo sem ser Príncipe Encantado, podia ir bater um papo com o Velho da Montanha. Às vezes é mais fácil conversar com quem a gente não conhece do que com uma pessoa que se encontra todo dia. Isso mesmo... Estava resolvido: no dia seguinte ia procurar o Preto Velho. Pediu a Titã todas as explicações e, mais tranqüilo, dormiu bem pela primeira vez em muito tempo.

Capítulo 5

Uma menina de briga

No dia seguinte, saiu de casa como se fosse para a escola, mas já com os planos feitos. Deixou os cadernos com o jornaleiro:

- Guarda para mim, está bem? Quero fazer uma surpresa a minha mãe e tenho que cuidar de tudo enquanto ela pensa que eu estou na aula.

Bem, por aí, tudo bem. Com o dinheiro da merenda, pagava a passagem do ônibus até a boca da favela. Com as explicações de Tita, chegava lá. Na subida, era só perguntar a alguém. Todo mundo conhecia o Preto Velho...

Enquanto o ônibus corria, Raul ia pensando – e se descobrissem que ele estava matando aula? Nunca tinha feito isso na vida. Ainda por cima, mentindo. Mas, ora bolas, se ele pedisse sabia que não deixavam. E ele tinha que ir descobrir o mistério. Discutir o assunto. Fazer alguma coisa. Vencer a ferrugem. Isso era o mais importante de tudo.

E se acontecesse alguma coisa? Tita sabia onde ele estava. Não sabia porque, mas sabia que ele ia lá. E, de qualquer jeito, era um impulso muito forte, uma certeza muito grande: ele tinha que ir.

Saltou do ônibus, andou dois quarteirões e começou a subir o morro. Primeiro olhou para a frente, a feira de degraus pelo meio dos barracos. Depois, olhou para baixo, para o chão, cheirando mal, cheio de água suja, lama, lixo. Depois, olhou bem para o alto e viu uma porção de pipas no céu azul. Foi subindo devagar e olhando - para a frente, para baixo, para o alto.

Meio cansado, parou um pouco. E ficou reparando as pipas lá em cima. Uma porção. Coloridas e dançarinas, balançando pra lá e pra cá. Bem perto, via a garotada na maior animação, disputando, competindo. De repente, foi uma confusão. O menorzinho de todos, devia ter uns seis anos, punha a boca no mundo, aos berros. E bem atrás de Raul, uma voz de menina começou a gritar:

- Vocês são mesmo uns covardes, aproveitam que o Beto é pequenininho para roubar a pipa dele. Mas não vai ficar assim não, estão sabendo? Vocês vão ver sói o que eu vou aprontar...

Os outros achavam graça:

- Ta zangadinha, é?

- Deixa disso, não se mete não.

- Fica de fora. Em briga de homem mulher não se mete.

Mas a menina era enfezadinha:

- Quem escolhe minhas brigas sou eu.

Um grandalhão ainda disse:

- Cala a boca!

E ela:

- Cala a boca já morreu. Quem manda aqui sou eu.

Raul estava começando a ficar preocupado e talvez até se metesse também na discussão, mas os meninos resolveram ir embora, correndo atrás de outra pipa. Raul andou em direção à menina, que consolava o garoto pequeno:

- Beto, chorar não adianta. Tem é que se defender, dar bronca, briga.

- Mas eles são maiores, eu vou apanhar.

- Sei lá, Beto. Não precisa ser briga de bater e apanhar. Mas se a gente for ficar a vida inteira esperando alguém do tamanho exato para brigar, não briga nunca, e todo mundo manda na gente. Nem toda briga minha é de bater, não. Mas eu não agüento é ficar calada nem ficar sem fazer nada quando uma coisa não está certa.

E já reparando na presença de Raul, completou:

- Desaforo para casa, eu não levo. Pelo menos assim não fico enferrujada, como muita gente por aí.

Capítulo 6

Encontro com o Preto Velho

Você bem pode imaginar o susto do Raul. Pela primeira vez alguém via a ferrugem dele. E logo uma menina briguenta! Ele perdeu a fala e mal conseguiu responder quando ela perguntou:

- Ô cara, que é que você está olhando aí? Quer alguma coisa?

Ele explicou:

- Meu nome é Raul e estou procurando a casa do Preto Velho. Ouvi o choro do Beto e a sua discussão e parei para ver. Mas não estou querendo atrapalhar...

com uma cara muito malandra, os olhos muito vivos, o cabelo todo trançadinho, a menina sorriu:

- Atrapalhada, nada. Até é bom bater um papo com você. Meu nome é Estela.

Raul estava louco para conversar. Foi logo perguntando:

- Que historia é essa de ferrugem?

- Ferrugem? – repetiu ela.

- É... Você não estava falando de gente enferrujada que anda por aí?

- Ah, sim. Gozado você reparar nisso. É papo do Preto Velho. De vez em quando ele fala nisso. Mas eu não sei bem o que é. Se você é amigo dele, pergunta.

Raul explicou que nem conhecia o Velho da Montanha. Quer dizer, não falou com essas palavras, mas falou. E acrescentou:

- A Tita é que é amiga dele e me ensinou a vir até aqui.

- E quem é Tita?

- Uma amiga minha.

Estela olhou para ele e se ofereceu:

- Se você quiser, levo você até lá. Não é muito fácil achar a casa dele sozinho.

Foram subindo. No caminho ele comentou:

- Você é sempre briguenta assim, é?

- Até que nem. Brigar à toa eu nunca brigo. Mas não consigo ficar quieta quando vejo alguma coisa errada. E as pessoas vão acostumando com isso. É até gozado: às vezes eu vou começando a abrir a boca para soltar a língua e alguém diz: “Já sei. Lá vem a Estela reclamando”. E antes mesmo de eu reclamar, muitas vezes já estão consertando. Mas se eu não estiver por perto, ninguém repara que está errado. Acho que fica cada um na sua e eu tenho que pensar por todo mundo.

Enquanto conversavam, subiam. Logo chegaram. Estela apresentou Raul, que se apresentou, falando em Tita. O Preto Velho sorriu quando ouviu falar em Tita e começou a lembrar casos dela e da família dela. Enquanto isso, Raul olhava para ele e pensava. Meio decepcionante. Ele não sabia muito bem o que esperava, mas era alguma coisa parecida com um encontro misterioso com o Velho da Montanha, sábio e meio bruxo. Na sua frente, via apenas um velhinho simpático, sorridente e falador, dizendo umas coisas meio enroladas, num tom carinhoso. Parecia até um avô de Estela...

De repente, percebeu que o Velho falava com ele:

- Afinal, o que é que você quer, meu filho?

Raul hesitou, criou coragem, respirou fundo:

- Quero acabar co a ferrugem.

- Que ferrugem?

- A minha.

O Velho ficou muito sério e olhou firme para Raul. Depois, abanou a cabeça:

- É uma pena, meu filho, mas eu não posso fazer nada para acabar com a sua ferrugem. Só se fosse para acabar com a minha...

Percebendo o ar de tristeza de Raul, acrescentou:

- Mas a sua é tão pouquinha, que logo passa...

Sorrindo, cantarolando, distraído, acendeu o cachimbo. Claro que o papo tinha acabado.

Capítulo 7

Cada um sabe da sua

Raul se despediu e saiu, pensando, pensando. Não tinha adiantado nada toda a viagem até lá em cima. E além de tudo, agora ainda tinha mais umas coisas que não entendia. De repente, reparou que Estela tinha falado com ele. Perguntou:

- Que foi mesmo que você disse?

- Estava querendo saber de que cor é sua ferrugem.

Raul se assustou de novo. Essa menina sabia algumas coisas que não queria dizer. Ele não deu o braço a torcer:

- Por que você está perguntando?

- Para saber, né. Quando eu tive, a minha era amarela. Estela da ferrugem amarela. Minha amiga contou que a dela era pretinha. Marieta da ferrugem preta. E a sua?

- Você não está vendo?

Ela riu:

- Você ainda não sabe nada dessa ferrugem, hem? Pensa que é só sair olhando e vendo? Tanto cara aí que nem vê a dele, quanto mais a dos outros...

- Azul – disse ele. – Raul da ferrugem azul.

Quer dizer que era assim, então, pensava ele. Tem gente que nem vê a sua. Ele via. Pelo menos a dele, lá isso via, toda azul. E com essa ele ia acabar, com ou sem ajuda de Preto Velho.

Com a ajuda, claro. Sabia que tinha sido ajudado. Por Tita, por Estela, pelo Preto Velho. Agora só dependia dele mesmo – era isso que todos estavam lhe dizendo. Que mesmo com toda a ajuda, cada um é que pode acabar com sua ferrugem. Cada um é que pode saber como ela é, de que cor, em que lugar.

E mais: o Preto Velho tinha dito que a ferrugem de Raul era pouquinho. Na certa, do mesmo jeito que os outros não viam a dele, ele não via a dos outros. Mas ninguém mais parecia se preocupar a mínima com a ferrugem. Pelo menos, nenhum dos meninos da turma. Estela era diferente. Estela da ferrugem amarela.

Estela se preocupava. Mas os amigos? Márcio? Guilherme? Zeca? Esses problemas nem passavam pela cabeça deles... Ou passavam? E eles nem reparavam? Por quê? E se a cabeça deles já estivesse tão enferrujada que nem ficavam mais inventando perguntas e procurando respostas?

Perguntou em voz alta:

- Estela, você teve ferrugem na cabeça?

- Deus me livre, Raul. Na cabeça, é fogo. Dizem que é a mais comum, mais aí fica até difícil ver as outras... Quando enferruja, né?, é difícil de usar. É capaz até de ranger...

Bem, então na cabeça ele não teve. Sorte. Por isso conseguiu ver a do braço, no dia em que devia ter agarrado o Márcio. A da perna, no dia em que devia ter corrido para ajudar o menino dos balões. A da garganta, no dia em que devia ter falado alto. E agora conseguia pensar.

Era bom. Porque tinha muito o que pensar. E conversar com Estela de outras vezes. Mas agora estava ficando tarde:

- Até logo, Estela. Outro dia eu volto. Agora tenho que ir para casa. Mas eu vou pensando dentro do ônibus.

- Eu te levo no ponto.

Foram conversando. No ponto de ônibus, uma mulher estava parada junto de um embrulho imenso, de plástico. Estela cumprimentou:

- Bom dia, Dona Teresa. Está indo entregar roupa lavada?

- Pois é, minha filha. E buscar outro tanto para lavar.

Não deu para ouvir muito mais. O ônibus vinha chegando. Foi só o tempo de despedir e entrar. A lavadeira também entrou. E foi logo para a frente. Depois, em cada ponto ia entrando gente. Um garotão de camisa aberta no peito e corrente no pescoço. Um velhinho de chinelos, arrastando os pés, devagar. Duas mulheres que levaram um tempão em pé no corredor, procurando trocado no fundo da bolsa e discutindo:

- Deixe que eu pago, passa logo.

- Nada disso, deixa comigo. Faço questão.

E nenhuma passava, nenhuma pagava, nenhuma achava o dinheiro. E todo mundo atrás reclamava. Raul se divertia. Ele sempre achava muito engraçado ir reparando as pessoas no ônibus. Tem hora que fica cheio de homem. Tem hora que tem mais mulher e velho. Tem hora que é uma bagunça louca, com a garotada de colégio.

Capítulo 8

Primeira aventura de desenferrujamento

De tanto prestar atenção em tudo, nos outros, na vida de cada um, Raul se distraiu. Até esqueceu que tinha resolvido pensar. Já estava quase chegando em casa. Um ponto antes se saltar, viu que a lavadeira tinha tocado a campainha para descer. E bem na hora em que ela ia descendo os degraus, carregando aquela trouxa pesada, o motorista acelerou o motor, fazendo um barulhão e reclamando porque ela estava demorando:

- Como é, Dona Maria? Vai ficar a vida toda aí, é? Pensa que ta todo mundo à toa?

Ela começou a pedir desculpas, toda atrapalhada.

Raul ficou uma fera. E começou a falar:

- Moço, o senhor não está vendo que ela está descendo e carregando peso? Faça o favor de esperar.

O motorista respondeu:

- A conversa não chegou na cozinha. Cala a boca, pirralho.

Sem pensar, Raul respondeu:

- Cala a boca já morreu. Quem manda aqui sou eu.

Respondeu e lembrou de Estela.

Uma porção de gente do ônibus começou a dar palpite também:

- É isso mesmo. O menino tem razão.

- Mas é perigoso discutir. Não se meta, não.

- Mas alguém tem que reclamar. Que malcriação!

- Quem, o garoto? Também achei. Respondendo aos mais velhos...

- Não, o motorista, que diabo!

- Mas também ele é um pobre coitado, trabalhando o dia inteiro junto daquele motor quente, com uma campainha o tempo todo na cabeça dele, no meio desse tráfego.

- É... e ainda ganha uma miséria.

- Mas não precisa tratar mal os outros. Nem correr desse jeito. É um perigo!

- Ainda outro dia, eu vinha num ônibus...

Que confusão! Todo mundo conversava, contava casos, resmungava, enquanto o ônibus andava e chegava perto de onde Raul ia saltar. Na hora de descer, passou pelo motorista, olhou para ele e disse:

- Até logo.

O homem respondeu:

- Até qualquer dia, seu brigão.

Brigão ele? Nunca o tinham chamado disso. Não brigava, não discutia. Só mesmo essa vez, porque não conseguiu ficar calado, não dava para engolir.

Passou no jornaleiro, pegou os cadernos, entrou no prédio correndo. Enquanto esperava o elevador, se olhou no espelho. Para ver se estava com cara de quem matou aula. E teve uma surpresa: a ferrugem do pescoço tinha desaparecido. Abriu a boca, botou a língua de fora. Nem sinal de ferrugem na garganta. Olhou depressa para os braços e as pernas. Lá, ainda havia as manchas azuis. Mas bem mais fracas. E agora ele não se preocupava mais com elas. Sabia que iam sumir.

Como é que elas iam sumir era coisa que ele não sabia. Mas iam. Como as da garganta desapareceram depois que ele reclamou no ônibus.

Com uso. Afinal, ele não era bicho, sabia falar, tinha vontade, sabia querer, sabia se defender. E defender os outros, quando fosse o caso. Nem precisava se preocupar.

Entrou em casa alegre, cantarolando. Contou para a Tita:

- Fui ver o Preto Velho.
- Como é que foi? Ele te ajudou?
- Ajudou.

Aí ela não agüentou mais e perguntou:

- Que é que era, Raul?

E ele:

- Era uma estória que eu não entendia e não sabia como continuava. Para falar a verdade, não sabia nem como ela começava. Mas agora eu já sei. Toda a vida você me contou estórias. Hoje quem conta sou eu.

E enquanto ela se sentava e prestava atenção, ele começou a contar essa estória toda que nós já conhecemos e que não vale a pena repetir. Só que contou à moda dele, mais divertida. Mais ou menos assim:

- Era uma vez um menino que quando nasceu recebeu de umas fadas invisíveis uma porção de dons especiais. Tinha voz para cantar e falar. Tinha mãos para pegar e fazer. Tinha pernas para andar e correr. Tinha cabeça para inventar e pensar. Mas como ele morava num lugar onde as pessoas faziam quase tudo para ele, muitas vezes não era preciso usar esses dons. E ele foi desacostumando. E alguns deles foram enferrujando...

E Raul ia falando, e Tita ia prestando atenção, e a estória ia crescendo, do jeito que ele inventava e contava. Tinha um pedaço que falava no sábio Velho da Montanha. E outro pedaço que dizia como o herói precisava vencer algumas provas e enfrentar algumas dificuldades para se livrar de encantamento. Mas como você também não está enferrujado e não quer ficar, pode muito bem ir imaginando como era o jeito de Raul contar. Ou continuar a estória de seu jeito. Ou inventar outra. Que esta aqui já se acabou. Como dizia a Tita, que aprendeu com a avó dele, que aprendeu com a avó também:

- Entrou pelo pé do pato, saiu pelo pé do pinto. Quem quiser que conte cinco.
Mas se você contar uma, pelo menos, eu já fico satisfeito. E você mais ainda.

MACHADO, Ana Maria. **Raul da ferrugem azul**. Ilustrações Patrícia Gwinner. 9 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.

DO OUTRO LADO TEM SEGREDOS

Capítulo I

Peixe muito!

Bino era menino. Bino era Benedito. Bino era filho de pescador.

Isso era coisa que todo mundo por ali sabia. Quer dizer, um ou outro podia não saber que o nome dele de verdade era Benedito. Só chamavam mesmo era de Bino. Mas o pessoal de Guriri todo conhecia o moleque, filho de Balbino, neto do velho Zé Manduca, tudo gente direita. Tudo pescador do bom.

Filho de pescador, neto de pescador, na certa Bino também ia sair para o mar numa canoa quando crescesse um pouco mais. Já ajudava bastante, carregando samburá, esvaziando a água do fundo da embarcação quando os homens voltavam, procurando buraco na rede, recolhendo peixe salgado que ficava secando ao sol. Era só ficar um pouquinho mais velho e lá ia ele também um dia mar afora. Coisa de homem grande.

Enquanto isso, Bino esperava, brincava, ajudava. E gostava muito de ficar olhando o mar e pensando. Reparando nas conchinhas da beira da areia. Descobrimdo todos os cantinhos das grutas do arrecifes. Seguindo o vôo das gaivotas ou vendo o boto pular lá longe. E ir aprendendo os segredos daquela água toda:

- Olha só, Dilson, tem uma mancha azul na água. Ali, olha. Vindo da ponta para cá.

- É mesmo, Bino, toda crespinha. Xi, a água está fervendo...

E lá saíam os dois meninos na carreira, gritando para dentro da vila:

- Peixe muito! Está vindo da ponta para o *lanço!* Depressa...

Parecia até palavra mágica. Aquela vila que estava parada no sol, modorrenta, com uns homens conversando na porta da venda e outros de papo pro ar debaixo do quitungo, contando caso e coçando cabeça de cachorro, de repente virou um

formigueiro. Cada um corria numa direção e todo mundo sabia muito bem o que tinha que fazer. Num instante a canoa, com a rede dobrada dentro, já descia a areia em direção ao mar, deslizando sobre uns paus compridos que apontavam a água e pareciam querer mergulhar nela de cabeça, em vez de ficar só servindo de escorrega de canoa. E lá ia a embarcação. Os homens se juntavam todos num lado e empurravam a proa para a água:

- Oooooô!

Pronto. Aquele lado escorregava, ficava mais perto das ondas. E lá vinham eles, todos juntos, para o outro lado. Empurravam agora a popa:

- Oooooô!

E voltavam correndo para a proa. E para a popa. E num instante, com a força dos homens e a ajuda dos paus a embarcação estava na n'água. Um ia logo empurrando mais para o fundo, os outros, se molhando na água, iam tratando de subir na canoa, venciam as ondas, num instante ela se afastava, só deixando na praia uma ponta de corda que o velho Mané Faustino pacientemente ia pegando e começando a enrolar em grandes voltas, uma por cima da outra.

Bino e Dilson estavam quase sem fôlego de tanta correria para avisar os homens, de tanta força para ajudar a empurrar as canoas. Sentaram um pouquinho na areia:

- Será que eles vão conseguir pegar o peixe?

- Tá com jeito de ser manjuba.

- Será que eles pegam? Outro dia um cardume fugiu inteirinho, a rede só trouxe alga. E seu Euclides ainda ficou furioso com a gente porque perdeu a vez dele no *lanço*, jogou a rede à toa e teve que ir para o fim da fila de novo, esperar que todo mundo jogasse rede até chegar a vez dele outra vez.

- É, mas pior foi aquele dia que o velho Samuel ficou agüentando a vez, com medo de perder. E os peixinhos todos dando sopa aí na cara da gente, passando para cá e ele, nada. Empatou a vida de todo mundo.

- Foi mesmo. Demorou tanto tempo que quando resolveu e todo mundo foi atrás só deu umas três redadas boas. Aquilo era dia de botar mais de dez redes. E de ficar a vila toda pela noite adentro salgando peixe e cantando debaixo dos quitungos. E de

levarem caminhões para a cidade bem carregados. E de entrar um dinheirinho para tanta coisa que a gente vive querendo.

No meio da conversa, a voz de seu Mané Faustino:

- Ó menino, vem cá dar um adjutório.

Seu Mané Faustino era gozado. Ele, seu Zé Manduca, seu Joaquim Barbosa, todos os mais velhos de Guriri gostavam de usar umas palavras esquisitas, antigas assim. Ele nunca chamava os garotos para darem uma mãozinha, quebrarem um galho ou mesmo ajudar. Era sempre aquilo de dar um *adjutório*.

Os meninos foram. Mais gente também ia chegando. No começo não tinha muito que ajudar. Era só ficar parado, enfileirado, segurando a ponta de corda na areia. Lá longe, dentro d'água, a outra ponta estava dando a volta na rede. Da praia eles viam: os homens em pé na canoa, jogando a rede dentro d'água. Não devia ser pesado, era só um monte de malhas. Quer dizer, buraco com barbante em volta de cada um. Buraco pesa? Não pesa. Então a rede não devia pesar. Mas devia ser muito barbante em volta de cada malha, e muita malha. Porque bem que pesava. Precisava dois homens em pé na canoa para ir levantando a rede do fundo e jogando dentro d'água.

Agora já tinham acabado de jogar a rede. Ficou só uma ponta de corda comprida amarrada do outro lado da rede. E a canoa voltou trazendo essa ponta. Voltou para bem longe. Chegou na praia lá perto da ponta das pedras. E aí foram começando a puxar. Duas fileiras de gente agarrada nas cordas. Bem longe uma da outra, no começo. Mas de vez em quando, o primeiro da fila segurava o rolo que ia crescendo com as voltas da corda uma em cima da outra e tratava de dar uns passos para perto da outra ponta. Depois, parava. Continuavam a puxada da rede. Bino adorava. Bonito de ver e gostoso de fazer.

Os pés firmes na areia, pernas afastadas, uma na frente, outra atrás. Sem sair do lugar. O corpo que balançava. Para frente, para trás. Para frente, estica o braço direito, segura a corda, puxa com força, já está atrás, passando para a mão de outro companheiro. Enquanto isso o braço esquerdo já cruzou por cima do direito, foi lá na frente, pegou a corda onde outro amigo passou, já está trazendo de volta. Todos juntos, no mesmo movimento, parecia uma dança. Talvez seja por isso e pela alegria do

peixe que deve estar vindo mas muitas vezes dá vontade de cantar. É só alguém começar:

- O meu caranguejo do fundo do mar

Deus lhe dê saúde e casa pra morar.

Cantando é bom. A música parece que ajuda, no ritmo de puxar a rede. Todo mundo canta junto, todo mundo trabalha junto, para trazer o peixe que depois vai ser dividido por todo mundo. Claro, o dono da rede tem um quinhão maior, mas também, se a rede arrebentar de muito peso ou ficar presa nos arrecifes e rasgar, o prejuízo é dele.

De vez em quando, as duas pontas das cordas se juntavam mais. Os homens davam uns passos e ficavam mais perto. Já dava pra ver bem as bóias dentro d'água. Bino avisou logo:

- Desta vez eu vou ajudar a soltar o calão. Dilson não quis ficar para trás:

- Eu também vou.

O velho Mané Faustino riu:

- Vamos ver é quem chega primeiro.

Bino riu de volta. Sabia que dava para os dois, se eles conseguissem chegar antes dos outros! Mas todo mundo ali em Guriri conhecia bem uma rede. E tinha muito garoto de olho no calão. Eles já tinham visto tanta rede aberta secando no sol, estendida na areia ou no capim, que eram capazes de saber exatamente como fica uma rede debaixo d'água, quando ela se transforma, deixa de ser um monte de buraco amarrado por uma porção de nozinhos e vira misteriosa muralha que anda de pé, imensa cesta mágica carregada de vida. Quando a canoa joga a rede dentro d'água, é só uma faixa de malhas. Mas um lado é cheio de pedaços de cortiça e fica boiando enquanto o outro afunda – ela fica de pé. E segurando as malhas, em cada ponta, entre o fundo e as bóias, o pau comprido do calão aponta para fora d'água o fim da corda e o início da rede. E no fundo, onde ninguém vê, o calão vai vigiando para avisar se já está chegando a hora de dar pé.

Na areia, as fileiras de homens puxando a rede tinham cada vez mais gente. Chegavam cada vez mais perto. Já dava para cantar junto ou conversar de um lado para outro. A distância na areia era menor que o tamanho da rede dentro d'água. E a

rede que era só um paredão tocando os peixes para o raso já ia tendo a forma de uma imensa ferradura.

- Tá com jeito de manjuba.

- Sei não. O Zito disse que hoje cedo na Ponta da Baleia só deu bicuda.

- Que bicuda, que nada. Isso foi ontem. Hoje só deu lá foi muito limo, uns camarõezinhos miúdos, uns peixinhos à toa que só servem é para isca.

- Mas eles também não esperaram. Jogaram a rede antes do peixe estar no *lanço*.

- Só quero ver agora.

De repente, a corda ficava mais pesada, pedia mais força. A rede estava chegando perto, o calão prendendo no fundo. Nem precisava pedir. Bino e Dilson se jogaram na água, passaram a arrebentação, saíram nadando cada um para um lado, na tarefa de soltar o calão. Ainda ouviam vozes da praia:

- Devagar, menino, cuidado com o cação.

- Depressa, solta logo.

- Não deixa o peixe fugir.

Na espera da surpresa da rede, que podia ser boa ou má, todo mundo queria dar palpite. Alguém sempre falava em cação. Tem muito caso de cação que vem seguindo o cardume e fica junto da rede. Bino sempre ouviu falar, mas nunca viu nenhum.

Já estava chegando no calão. Mergulhou, puxou a ponta do pau preso na areia. Trouxe para cima. Agora, em vez de ficar de pé fazendo um paredão, aquela vara boiando se juntava com a do outro lado para fechar a rede que se dobrava. Ficava difícil fugir peixe. Cada vez mais gente puxava as cordas. As primeiras malhas já chegavam à areia. Com algas, peixinhos presos. Outros escapavam por entre as malhas, corriam pelo meio das pernas do pessoal. A criançada se atirava dentro d'água para pegar manjuba à unha. O fundo da rede fervilhava de tanta sardinha prateada de dorso azul se debatendo, jogando escama pra tudo quanto é lado. Todo mundo falava ao mesmo tempo:

- Depressa, Manezinho, outro samburá!

- Olha a onda! Segura firme, gente!

- Tira a mão daí, menino!

Era uma correria, uma animação, uma festa de trabalho. Cestos enormes se enchiam de peixe, carregando a manjubada lá para cima da areia onde um bando de garotos já tinham feito uns buracos. Os homens iam e voltavam, correndo, tudo muito rápido. Num instante já estavam recolhendo a rede, limpando para tirar as algas, estendendo tudo lá no alto da areia. O próximo pescador da fila do lanço já se preparava para entrar na água – jogar sua rede e começar tudo outra vez, aproveitando o cardume na frente da praia.

E enquanto se resolvia a divisão dos peixes, os homens separavam o quinhão de cada um, o caminhão se preparava para levar um carregamento para a cidade, as mulheres começavam um trabalho que ia se estender pela noite adentro, limpando peixe, escamando, abrindo, salgando, pondo para secar em cima das palmas de coqueiro pelo chão da vila.

Capítulo II

E o outro lado do mar?

Bino ajudou no que podia. Depois, veio para baixo dos quitungos ajudar na salga, cantar junto, ouvir caso. Cansado, aproveitou a sombra da cobertura de palha, a brisa que entrava pelos lados sem parede, recostou numa canoa emborcada e ficou olhando o mar e pensando. Pensamentos que há muito moravam em sua cabeça.

- Dilson chegou perto:
- Que é que há? Pensando na morte da bezerra?
- Não enche, Dilson.

Depois de algum tempo em silêncio, o próprio Bino é que puxou papo:

- Como é que pode, né? Tem tanta coisa no mar... A gente olha assim, vê só um monte de água, com espuma, mexendo, cada dia de cor diferente. Mas tem muita coisa que a gente não vê.

- O que, Bino? O fundo do mar?

- É... O fundo do mar também. Dessa vez, a gente estava olhando, de vigia, e deu para ver uma mancha diferente, a água crespinha, o peixe que vinha chegando. Mas

vive passando peixe que a gente não vê. Mais longe, mais fundo. E às vezes os homens pescam cada peixe esquisito...

Ficaram pensando. Bino continuou:

- Mas não é só para o fundo que o mar tem coisas. Para os lados também, eu queria saber.

Aí Dilson não entendeu bem:

- Para os lados?

- É. Aqui em Guriri tem essa praia assim, né? O mar acaba na areia. Na Ponta da Baleia é de pedra, cada rochedo de fazer gosto. Na Ponta dos Fachos é tudo de arrecife, pedrinha pequena com água se metendo pelo meio. E do lado de lá?

- Que lado?

O outro lado, Dilson. O lado onde o mar encontra o céu. Bem para lá de onde jogam a rede. Será que tem pedra de nuvem, praia de sol, arrecife de lua? Como é o outro lado do mar? Se a gente um dia jogar uma rede bem longe traz o quê?

- Deve ser colado, Bino. Sem praia, nem nada. Não vê que é tudo igual, lisinho?

- Sei não, Dilson. Acho que quando eu crescer quero ir até o outro lado, ver tudo que tem. Nem que tenha que arrumar um motorzinho de botar em canoa, que nem o do barco de seu Moraes.

- E onde é que tu vai arrumar dinheiro para essa festança toda de barco com motor?

- Sei lá... Não estou dizendo que eu vou comprar um motor. Posso ir num barco de alguém. Mas pode ter algum outro jeito. Quem sabe o Tião consegue um bom emprego na cidade? Pode até me levar para estudar lá também...

E já ficou outra vez sonhando de olho aberto, pensando no irmão mais velho que um dia tinha embarcado na boléia de um caminhão, do lado do motorista, na frente de uma imagem de São Cristóvão, no meio de uma porção de espelinhos, bandeiras e enfeites, e lá se foi sorridente dando adeus pela estrada, até a curva. E de como ele voltou umas vezes, nos dias de festas, contando as coisas que estava aprendendo, falando na escola, numas máquinas que faziam uma porção de trabalhos e em um monte de histórias que a gente podia ler em jornais, revistas e livros. Se o Tião um dia ficasse sendo doutor, quem sabe podia levar Bino para a cidade também, para a

escola, para um bom emprego, para ganhar dinheiro... E aí ele ia dar um jeito de ver tudo o que tem do outro lado do mar.

Capítulo III

Mistérios de Luanda Angola

Mas não dava para ficar muito tempo à toa, pensando, sem fazer nada. A mãe já estava chamando:

- Menino, vai lá em casa pegar a faca da cozinha, que é mais afiada. Essa aqui não está cortando nada.

E quando ele começava a correr em direção à casa ouviu outra ordem:

- Mas primeiro passa uma água limpa aqui dentro desta gamela.

Bino se virou para o outro lado e lá se foi para a beira da água, com a velha gamela de madeira na mão. Velha mesmo? Não dava para saber. Parecia que tinha mil anos, usada, marcada de golpes de faca, curtida da água do mar, cheirando a peixe e a sal, já meio gasta numa beirada, mostrando bem o jeitão de tronco de árvore, de onde tinham tirado aquela casca para carregar coisas feito numa canoinha rasa. Que nem canoa mesmo. Tronco cavado, árvore sem miolo, que deixa a raiz na terra e se solta para navegar deitada nas ondas. Capaz de ir longe. Lá do outro lado.

O menino olhou lá longe, onde o mar encontrava o céu. Olhou a gamela, mergulhada na água, ficando limpa. Olhou a areia, lavada, onde o mar encontrava a terra. Bem no encontro, uma estrela. Volta e meia aparecia uma na praia, mas muitas vezes quebrada. Essa, não. Estava perfeita e linda, boa de guardar.

A gamela com a mãe, a estrela na mão, lá foi Bino até em casa, ali pertinho. Encontrou a avó Odila na cozinha.

- Mamãe mandou pedir a faca, vó.

- Está aí, dentro da gaveta.

Com a mão esquerda ocupada, Bino levantou com a direita a toalha de xadrez em cima da mesa, abriu a gaveta, tirou a faca, fechou de novo e aí ouviu a avó perguntando:

- Que foi isso, menino? Machucou a outra mão?

- Não, vó. Está ocupada. Olha só o que eu achei na praia.

Na palma da mão aberta em cinco dedos, a estrela aberta em cinco pontas. Pequena, mas um tesouro.

A avó sorriu:

- Bonita. Para a estrela do céu, a gente faz um pedido. Do mar... é outra história.

Coisa comprida, grande que nem as coisas do mar.

Bino sabia que a avó, já bem velha, gostava muito de falar umas coisas meio esquisitas, que ninguém dava muita atenção. Às vezes, quando todo mundo da vila ficava salgando peixe debaixo do quitungo, ela também ajudava e aí até cantava numa língua esquisita, e todo mundo acompanhava. Às vezes, quando estava com vontade de falar, ela contava casos de antigamente. Mas ultimamente ela andava reclamando de dor nas juntas, reumatismo, e às vezes nem queria sair de casa.

O menino queria ouvir mais. Coisa do mar era com ele, ocupava todo o pensamento:

- Que história é essa, vó? Conta...

Ela só contava o que queria:

- Não é história de contar. A gente vai ficando velha, vai descobrindo. Sabendo. Aponta para todo lado. Da terra também. Ela mostra. Búzio esconde. A mesma coisa.

Bino não estava entendendo nada, mas queria saber, ver se a avó falava mais. Do mar. Resolveu perguntar:

- Vó, que é que tem do outro lado do mar?

Ela parou e ficou pensando, o olhar perdido. Espiando para dentro. Falou alguma coisa que o neto não entendeu bem. Aruanda? Luanda? Angola? Esquisito... *Tu anda agora?*... É... Devia ser isso estava na hora de levar a faca que a mãe pediu. Mas um dia desses, quando pegasse a avó com vontade de conversar, Bino ia sentar perto dela e ouvir tudo até ficar sabendo. Coisas do mar e da estrela, do búzio e da gamela, do que a gente vê e do que fica do outro lado e que ninguém sabe. Mas ele queria saber.

A voz da mãe interrompeu:

- Por que foi que você demorou tanto? Já estava pensando que você estava lá grudado num boneco de piche, feito o macaco da velha.

- Acho que fiquei mesmo, mãe. Só que não foi no boneco, não. Foi na velha mesmo – brincou Bino.

- Agarrei numa conversa com a avó que quase ia me esquecendo da faca. Se não fosse ela mandar eu vir logo, eu estava lá até agora.

- Ela mandou você vir? Eu, hein, não é coisa dela... Ainda mais quando começa a falar. Vê lá o que você andou aprontando, menino. Você estava implicando com sua avó?

- Não, mãe.

- Vê lá, hein... Nunca vi ela mandar ninguém embora quando está sozinha. Tem certeza que foi assim mesmo?

- Tenho.

Mas a resposta não parecia muito convencida. Agora Bino tinha cada vez menos certeza. Sentia que tinha perdido alguma coisa importante do que a avó estava dizendo. E não sabia quando ela ia falar nisso de novo.

Capítulo IV

Cativo da terra dos reis

Gostoso andar na areia molhada da maré enchendo. O pé afunda, a água vem, o calcanhar quase fica preso. Divertido. Bino e Dilson corriam das ondas, enfiavam o pé na areia até o meio da canela, davam gargalhada. De vez em quando, conversavam.

- Será que a gente vai mesmo pegar algum, Dilson?

- Claro, Bino. Nessa lua a barra do rio fica assim de pitu, ó.

- E se eles não entrarem nas armadilhas?

- Entram, sim. A isca é boa.

- E se alguém chegar lá amanhã antes da gente e pegar todos?

- E alguém lá vai fazer isso, Bino? Você tem cada idéia... Mania de ficar pensando o tempo todo...

Silêncio. Quando estavam quase chegando na vila, Bino perguntou:

- Você sabe alguma história de estrela?

- Sei uma porção. Quem aponta estrela fica com verruga no dedo. Quando a gente vê uma estrela caindo a gente faz um pedido. Teve uma estrela que apareceu quando o Menino Jesus nasceu. Quer mais?

- Só sabe de estrela do céu?

- E você já viu estrela da terra, Bino?

Bino ia dizer que não, mas lembrou que sim. Naquela pedra brilhante que um dia um homem estava mostrando na venda do Geraldo. Como chamava mesmo? Era um nome que lembrava o canto do galo no terreiro, o Menino Jesus no presépio da capela. Cristo, crista... Cristal. Era isso. Uma estrela presa na pedra. Estrela da terra.

Mas era melhor não falar nisso tudo com o Dilson e ir direto ao que interessava:

- Não, seu bobo. Estrela do mar.

- Do mar não sei não, mas ouvi dizer que dá sorte. Que tem gente que sabe ler nelas. Igualzinho a búzio, concha, essas coisas.

Búzio? Bem que a avó Odila tinha falado nisso também. Como é que pode? Ler em concha, em búzio, em estrela? Do mesmo jeito que Tião estava lendo história nos jornais e nos livros lá da escola dele? Ah, a agonia que Bino tinha para saber de tudo, ler tudo que existisse para ler...

Mas Dílson continuava:

- O pessoal mais velho às vezes sabe dessas coisas. Pergunta à sua avó. Ao tio João. Ou então, olha só seu Mané Faustino está parado ali. Vamos bater um papo com ele.

Só que Bino não tinha jeito de chegar assim, sem mais nem menos e ir logo falando dessas coisas misteriosas com as pessoas. Ficava uma conversa mole:

- Onde é que vocês foram?

- Lá no riozinho – respondeu Dílson.

- Botar armadilha para pegar pitu – explicou Bino.

- Essa pesca não tem graça. Bom é no mar. Quando vocês forem, vão ver só.

Bino se animou:

- Vamos ver o quê?

- Como é bom.

- Mas o que é que tem para ver?

- Tanta coisa... Muito espaço... A água cada dia diferente, as ondas que sobem e descem, o céu com nuvens, o vento que empurra a vela, o sol no azul purinho, peixe passando, gaivota pescando, a linha da terra, os morros...

- Dá para ver a terra? – quis logo saber Bino.

- Daqui pertinho, no *lanço* da rede, dá para ver tudo, as casas, as árvores, os quitungos. Mas para lá, na boca da enseada, a gente vê o morro lá atrás, aquela amendoeira grande do lado da capela, a praia daqui e todas as praias em volta...

- E mais longe? – o coração de Bino estava até batendo mais rápido.

- Mais longe a gente vê só a linha da terra.

- E depois?

- Depois não vê mais nada daqui. Mas sempre vê muito mar, muito céu, tudo muito grande em volta da canoa, todo aquele mar-oceano.

Bino respirou fundo e perguntou:

- E do outro lado, seu Mané Faustino?

- Do outro lado também, só água e céu. No mar-oceano é assim, de todos os lados.

- E se a gente continuar?

- Aí perde o caminho de casa, não dá para voltar...

- Mas será que dá para chegar em outro lugar?

- Que outro lugar, menino?

- Não sei. Mas não tem nada se a gente for a vida toda, até ver o que vai encontrar do outro lado do mar?

Mané Faustino ficou um tempo calado. Bino olhou bem a cara dele, toda enrugada, queimada de sol, cheia de dobras no canto dos olhos, com a barba por fazer apontando uns espetinhos prateados no queixo e o lado do rosto. Os olhos misturavam a cor da terra com o reflexo verde do mar e brilhavam atrás de uma cortina molhada. A boca, faltando uns dentes, se entreabriu para um suspiro. A cabeça balançou um pouco. E ele falou:

- Meu filho, nunca fui para lá a vida toda. Nem conheço gente que foi. Mas quando eu era criança, moleque que nem vocês dois, conheci muita gente que era filha de gente que tinha vindo de lá.

Os meninos se atropelaram na curiosidade:

- Quem?
- Como era?
- Como é que eles vieram?
- Que é que eles contavam?
- Só coisa triste...

Bino não agüentava mais:

- Coisa triste como? Conta tudo seu Mané Faustino...
- Coisa triste da viagem, do cativoiro, dos maus tratos. Pai para um lado, filho para outro, pancada, todo mundo sem entender nada do que estava acontecendo, tudo amontoado no porão, preso com corrente, sem saber para onde ia, sem querer comer para ver se morria de uma vez e acabava com aquele inferno... Coisa triste... Não é bom lembrar...

Bino insistia:

- Mas isso é na viagem. E do lado de lá do mar? Que é que tem? De onde é que eles vinham? Que é que tinha lá?

- Coisa boa... Terra de rei... E todo mundo solto trabalhando junto, comendo junto, fazendo festa... Tinha até reis...

- E por que o rei não salvou eles?

- Ele também veio. Os homens trouxeram todo mundo para o lado de cá. E depois do mar, espalharam na terra daqui todo mundo que sobrou, todo mundo que não morreu na viagem. Cada um para um lado. Ninguém viu mais os reis. Só ficavam falando neles, contando história, cantando música lá do outro lado. Mas com o tempo a gente vai esquecendo. Não é bom lembrar... Só coisa triste...

Era claro que ele não queria falar mais. Os garotos não insistiram. Ficaram um tempo ali sentados juntos, ouvindo o barulho das ondas, sentindo a brisa do mar. Até que cada um foi para a sua casa.

Capítulo V

Estrela de penas, coroa da mata

Bino estava chegando em casa suado, com sede. Apanhou na prateleira da cozinha a caneca azul de flores amarelas e foi até o canto pegar um pouco d'água na toalha de barro que ainda ontem a mãe tinha trazido da fonte, cheinha, equilibrada na rodilha de pano bem no alto da cabeça. A água estava fresca e gostosa, aliviava a cansaça de quem ficou a manhã toda ajudando a carregar cesto pesado, cheio de peixe para dentro dos caminhões.

Caneca na mão, já pela segunda vez, dava para beber com mais calma. Bino sentou na soleira da porta e ficou olhando a criançada ali em frente, brincando, dois cachorros se cheirando em frente à venda, uma galinha ciscando no terreiro. Dava vontade de brincar também. Enquanto resolvia se levantava e ia lá direto, ou se primeiro ia lá dentro pegar uma pipa, ouviu a voz de Maria:

- Bino, vem com a gente!

Ele foi. Gostava do jeito de Maria, da alegria dela, dos olhinhos bem pretos brilhando quase escondidos atrás da franja muito lisa caída na testa.

Num instante ele estava no meio do grupo. A criançada toda correndo, rindo, brincando de pegar. Depois, no calorão forte, alguém teve a idéia:

- Vamos cair n'água?

Saíram correndo, mergulhando, furando onda, nadando.

Quando foram cansando, foram saindo d'água, sentando e deitando pela areia.

Maria chegou perto de Bino:

- Muito animado para sua festa?

- Eu, hein? Que festa?

- Ué, a festa de São Benedito... Está chegando o dia, vai dizer que esqueceu?

Bino tinha esquecido mesmo. Mas agora já estava entrando na animação de Maria e dos outros.

- Vai ter procissão e quermesse, aquelas barraquinhas todas, com prenda, rifa, muita música.

- Vamos fazer puxada de mastro e a bandeira de São Benedito vai ficar bem fincada em frente da capela.

- E vai ter Congada...

Congada... Que beleza! Todo ano, quando tinha festa com Congada, Bino ficava no maior assanhamento, junto com Tião, os dois vendo, cantando, prestando atenção em tudo. Na certa Tião vinha também este ano para aproveitar a festança, ele não perdia uma. E iam ficar vendo a coroação do Rei Congo, Rei lindo... Também, era o único rei que Bino já tinha visto. Será que os reis lá do outro lado também eram assim? Melhor perguntar:

- Maria, você já ouviu falar como é que era lá do outro lado, antes dos homens chegarem e carregarem todo mundo preso?

- Já, claro... Mas não foi todo mundo, não. Teve uns que ficaram doentes... Teve uns que sobraram... Pouquinhos, mas tem. Até hoje.

Isso é novidade, pensou Bino. Precisava saber melhor. Depois, ia perguntar. Agora estava interessado era no Rei. No tal Rei cativo, arrancado à força da sua terra e trazido para cá com os outros. Espalhados todos na nova terra. Quem sabe ele não tinha algum filho, neto ou bisneto por aí, esperando ser descoberto para ser Rei de novo? Quem sabe até se não era mesmo um moleque bem assim como ele, Bino?

- Então, Maria, você já ouviu falar também nos reis deles... Será que eles eram como o Rei Congo?

Maria deu uma gargalhada:

- Não, Bino, eles não tinham nem roupa, quanto mais manto, coroa e essas coisas todas. E não eram mesmo reis, né? Eram só chefes lá deles. Tão bonitos que devem ser... A cabeça toda estrelada de penas de pássaros... A pele toda desenhada e pintada com tinta de flores e frutas... E aquela porção de coisas bonitas em volta, feitas de palha e de barro, de madeira e de pena, de ossos e de concha... Ah, bem que tem horas que me dá vontade de que minha avó nunca tivesse saído de lá e eu ainda pudesse ser toda índia, morando no mato, dormindo em rede, pescando...

- O quê? – interrompeu Bino. – E o pessoal do lado de lá é índio?

- Claro, você não sabia? Quer dizer, hoje tem muito pouquinho, já está tudo misturado, qualquer um chega lá. A gente nem pode dizer mais que o pessoal do lado de lá é índio. Não mais. Mas era. Há muito, muito tempo.

- Você tem certeza? Como é que você sabe?

- Minha avó que me contou.

- E como é que qualquer um chega lá?

- De carro, de caminhão, de carroça, de carro de boi, a cavalo, em tropa de burro, sei lá... É só ir seguindo as estradas certas.

- Deixa de besteira, Maria. Você não sabe de nada e está inventando coisa para me enganar. Onde já se viu estrada para chegar a cavalo do outro lado do mar?

- E quem falou em outro lado do mar?

Bino já estava perdendo a paciência:

- E de que é que a gente está falando há um tempão? Se não é do outro lado do mar, é de que, então, sua boboca?

- Do outro lado do morro, é claro. Nem pensei em mar.

- Do morro?

- É... Eu sempre ficava olhando para as árvores, a mata, o morro e ficava horas pensando no que é que podia existir do outro lado. Um dia eu perguntei a minha avó e ela falou umas coisas que eu não entendi direito. Continuei perguntando. A ela e a todo mundo que pudesse dar uma resposta. E não ficava só perguntando, não. Às vezes, ficava olhando e imaginando, de olho grudado na estrela, querendo saber do caminho dela.

- Estrela, Maria? Estrela de verdade? Do mar?

- Estrela do céu, Bino. Ficava olhando para elas e vendo onde é que elas sumiam. Tem umas que não dá para a gente ver. Mas tem outras, que nem o sol, a lua, que vão indo lá para aquelas bandas, mas sempre acaba clareando e não dava para eu ter certeza se elas sumiam por lá. Mas eu também ficava muito pensando sozinha. E perguntando. Até que agora eu já sei uma porção de coisas do outro lado.

- Do outro lado do morro, é?

- Já disse, Bino. Fiquei sabendo que antes lá só tinha índio, vivendo livre que nem passarinho, caçando, pescando, fazendo farinha, fabricando cesto, gamela, esteira.

Depois chegaram os homens que não eram índios. E eles foram perdendo as terras, a saúde, as belezas...

- E do outro lado do mar, você sabe?

- Não, nunca pensei nisso.

- Acho que foi meio parecido. Mas não sei se eles eram índios. E sei que eles tinham reis. Quando os homens trouxeram aquela gente toda presa para ser escrava do lado de cá, trouxeram também os reis aí, podem estar em qualquer lugar.

- Até aqui? Em Guriri?

- É...

- Um príncipe? Do outro lado do mar? Aqui em Guriri? Pode ser qualquer um?

Dilson, que estava ouvindo o final da conversa, deu um palpite:

- Qualquer um pode. Mas tem uma condição.

- Qual é? – perguntaram os dois.

Tem que ter avô, ou bisavô, ou tataravô que tenha vindo do outro lado do mar. No porão de um navio. Amarrado e maltratado. Cativo. Pra ser rei de verdade, só quem já foi cativo.

Capítulo VI

Rosa dos ventos, estrela dos caminhos

A festa de São Benedito ia ser ótima, mesmo. Tião já tinha mandado avisar que vinha e Bino ficava contando os dias que faltavam. Os homens já tinham ido cortar bambu no mato para fazer arco. As mulheres preparavam bandeirinhas. E a música da alegria já estava na cabeça de Bino:

Benedito pretinho

olha as ondas do mar

lelê-oi...

Ele vai, ele vem

ele torna a voltar...

lelê-oi...

Era como se aquilo estivesse falando com ele. Pois ele não se chamava Benedito? Não era pretinho? Não gostava de ficar olhando o mar?

Mas tinha coisa que ele não entendia tão bem – esse negócio de ir, de vir e tornar a voltar... *Ele vai, ele vem...* Quem seria *ele*? O mar? Ou ele mesmo Benedito? Para onde é que ele tinha que *tornar a voltar*? Voltar como, se ele nunca tinha saído de Guriri?

Tomara que Tião chegasse, logo, para conversar todas essas coisas...

Meio longe, Bino ia ouvindo o batuque da música. Mas agora não era da música que estava na cabeça dele. Era o pessoal ensaiando a Congada, a cantoria dos Reis Congos, a beleza das danças. Lá se foi ele correndo, até ver tudo e ouvir bem de perto:

areia do mar

areia

areia do mar

areia

me ajuda companheiro

areia

areia do mar sagrado

areia

eu vi a Areia dourada...

Bino ficava olhando o velho Chico Dias na viola puxando as músicas. Todas falando para ele, agora com essas histórias de pedir ajuda a companheiro, nem que seja escondido. Bino sabia também que os segredos e os mistérios da areia dourada não iam ser descobertos assim, sem mais nem menos. E sabia também que, quanto mais pensava neles e conversava com as pessoas, mais ia descobrindo um pouquinho.

De repente, no meio de toda aquela distração com as idéias, Bino ouviu a buzina de um caminhão no meio do largo e saiu correndo:

- Tião!

- Bino, meu irmão, como você está grande!

E como Tião estava forte, bonito, com jeito de gente grande! Enquanto entravam em casa, chamando o resto da família, distribuindo presentes da cidade, Tião parecia um príncipe. Bino olhava para ele, reparava no cinto, nos sapatos, no blusão colorido e achava Tião tão maravilhoso que quase teve certeza de que, se algum deles era rei, tinha que ser Tião...

Nem agüentava mais para conversar tudo. Mas a mãe, o pai, a avó e as irmãs também queriam saber de tudo e ficava todo mundo falando ao mesmo tempo:

- Você fez boa viagem?

- Já almoçou?

- Até quando você vai ficar aqui, o Tião?

- Como é que estão as coisas na cidade?

- Você estava com saudade?

Era tanta gente, tanta pergunta, que ninguém nem ouviu o que Bino queria saber:

- Como é o outro lado do mar?

E ele teve que esperar mais. Aí resolveu não perguntar assim tudo de uma vez. Esperou um bom momento.

No fim da tarde, já estava tudo mais calmo e os dois irmãos sentaram na praia, olhando o mar. Bino perguntou:

- Que é que você estuda na sua escola, Tião?

- Muitas coisas. Coisas chatas e coisas legais.

- Coisas do mar você estuda?

- Algumas, Bino. Ninguém na escola sabe pescar que nem o pessoal daqui, conhecer o lugar que tem peixe, remendar rede, navegar certinho pelos caminhos do mar... Mas a gente lá aprende os nomes dos pedaços do mar, as terras perto dele, os mapas.

- Mapa? Que que é isso?

- São uns desenhos que mostram o jeito da terra e do mar com os pontos cardeais.

- Pontos cardeais? – cada vez Bino entendia menos.

- É... as direções da gente ir – norte, sul, leste, oeste – na rosa dos ventos.

Bino não queria ficar só perguntando. Norte, sul, leste, oeste ele sabia o que era, e sabia também nordeste, sudoeste, essas coisas. Sul era de onde vinha o vento da chuva. Nordeste ajudava a vela dos barcos na hora de voltar. Do norte os caminhões vinham carregados de toras de madeira. Isso ele sabia. Mas o resto não:

- Que é rosa dos ventos?

- É uma espécie de estrela...

Bino levou um susto:

- Estrela? De verdade?

- Não, de mentirinha. Estrela desenhada, de papel. Estrela de todas as direções.

E riscou na areia a estrela de tantas pontas. Explicou:

- Assim, olha. Pra todo mundo saber para que lado as coisas ficam quando olha um mapa.

- E um mapa dá para saber pra que lado as coisas ficam?

- Claro, Bino, é para isso que mapa serve.

- E dá para saber quais as coisas que ficam de um lado?

Aí quem não entendeu bem foi Tião, mas achou que era isso mesmo, embora não tivesse muita certeza:

- Dá... Quer dizer, deve dar...

- Então, se a gente olhar num mapa dá para saber o que fica do outro lado do mar?

- Ah, isso, dá...

Bino se animou e pediu:

- Tião, será que dava para outra vez que você vier aqui trazer um mapa para mim?

Eu quero saber o que fica do outro lado do mar.

Tião concordou:

- Trago, sim. Mas, se você quiser, eu te digo logo.

- Você sabe?

- Sei.

- O que é?

- África...

Essa era nova. África. Do lado de cá tem uma praia. Do lado de lá tem uma África. A gente mora nesta praia. Os reis moravam naquela África. E os cativos ficaram espalhados por toda esta terra, seu Mané Faustino explicou. Todo preto do lado de cá era de alguma família de cativo. Mas em alguma África do lado de lá antigamente tinha reis. Eles vieram para cá. Mas eles podiam ir para lá, tornar a voltar, que nem na música do Benedito pretinho.

Tinha que contar suas idéias a Tião:

- Quando eu crescer mais, será que dá para a gente ir em alguma África?

- Tião achou graça:

- África não é alguma, Bino. África é uma só.

- África só tem uma? – repetiu Bino, meio espantado.

- É...

- Então é igual à mãe da gente, que só tem uma?

Aí Tião já respondeu sem achar graça, ficando serio e pensativo:

- É isso mesmo, Bino. A África é igual à mãe da gente. Foi de lá que a nossa gente veio.

- Eu sei, isso eu sei – foi-se animando Bino. - A gente veio nos navios, tudo cativo, amarrado, levando pancada. Depois foi todo mundo espalhado na terra do lado de cá, trabalhando de graça para os outros, sem poder ir embora. Só não entendo é como é que deu para espalhar tanto, para um ficar tão longe do outro, se antes era tão perto numa África só...

- É que a África é muito grande, Bino. E a gente foi espalhado de propósito, porque se ficasse perto podia combinar fugir, bater no dono, alguma coisa assim. Mas mesmo lá na África, não ficava todo mundo perto uns dos outros. Lá tem muitos lugares. Tem Guiné, tem Angola, tem Congo...

- Angola? Acho que já ouvi esse nome...

- É... Angola, capital Luanda.

- Luanda? Acho que também já ouvi... É terra de rei ou de cativo?

- Sei lá... Primeiro, acho que era de rei. Depois foi de cativo, um tempão. Mas a história deles não está pronta, ainda está toda hora saindo no jornal. Só sei que agora não está sendo de cativo...

Mas Bino já ia interrompendo:

- Congo é de rei, eu sei, tem os reis da Congada. E Guiné?

- Não sei. Mas a avó sabe. Ela vive falando em Guiné.

De qualquer jeito, não dava mesmo para continuar conversando. Vinha chegando gente, com uma viola. Foram logo começando a tocar, cantar, batucar e o resto do papo ficou para outra vez.

Capítulo VII

Benedito lê estrelas

Até que enfim era o dia da festa. Todo mundo numa animação, de roupa nova, alegre de fazer gosto. A vila toda cheia de bandeirinhas. Primeiro ia ser a procissão, de vela na mão, cantoria na boca, fita de cor no ombro, véu na cabeça. Depois, a puxada de mastro, com todo mundo cantando pelo caminho até fincar em frente da igreja aquele pau todo pintado com a bandeira se São Benedito colorida, balançando lá em cima. Depois, a congada, com a coroação dos Reis do Congo, cheia de jóias e danças, pelo meio de jogos e lutas, tudo muito solene e festivo.

Até parecia que era de verdade, não era ninguém que no resto do ano morava na vila e pescava no mar igualzinho aos outros.

Ficava o Rei lá todo importante, coroadado, recebendo embaixada, assistindo a bailados, chefiando batalhas.

Bino adorava a festa de São Benedito. Aquilo era mesmo com ele. Desde cedo ele estava pronto, esperando a hora de começar, louco para sair de casa sem esperar mais ninguém e ir logo para o largo da igreja. Enquanto isso, via a avó se arrumando. E resmungando:

- Tanto trabalho para engomar a blusa e quase que essa menina amassa ela toda agora... E onde que está o colar de contas? Vou botar assim, aqui, junto da minha figa de Guiné...

Claro, era isso mesmo! Bem que na hora em que Tião falou, Bino tinha achado que conhecia aquele nome de Guiné. A avó vivia falando na figa, vermelha, dizendo que dava sorte ter aquela mãozinha fechada enfeitando o pescoço. Boa chance de puxar conversa outra vez:

- Vó essa figa vem do outro lado do mar, é?

- Isso tudo, Bino. Tudo é do lado de lá. Mas é também do lado de cá.

Ele não estava entendendo bem. Mas sabia que com a avó era assim, não adiantava ficar insistindo muito. Ela falava do jeito que queria. Tinha era que aproveitar e perguntar mais coisas. Da estrela, por exemplo:

- E a estrela, vó Odila?

- Que estrela, menino?

- Do mar, vó...

- Do mar são búzios. Tem gente que lê neles.

- Lê como, vovó? Eles não têm coisa escrita.

- Para quem sabe, têm.

- Coisas do outro lado, vó? Da Guiné? De Angola? Do Congo? Da África?

- Coisas de todos os lados. De Angola e de Aruanda. Da Guiné e do Congo. De Moçambique.

- De todo o lado de lá?

- Do lado de cá também. Do lado de cima, do lado de trás, dos lados que a gente não conhece. Coisa de todos os lados estão nos búzios. Para quem sabe ler neles.

- Das estrelas, também?

- Para quem sabe... Vamos indo, que a festa vai começar.

Não precisava chamar duas vezes. Bino já tinha se levantado num pulo e estava na porta. Lá se foram. Num instante ele encontrou os amigos, se enturmou. Dilson estava todo arrumado. Tião, numa elegância... Maria estava linda, de vestido estampado e fivela de flor no cabelo. Parecia flor também. Tinha cheiro bom, de mato. Engraçado aquilo de ela também ficar pensando no lado de lá – e o lado de lá de Maria ser na terra, atrás dos morros, no meio da mata, só com água de rio e chuva. Mas também tinha estrela. Tudo tem estrela – para quem sabe ler nelas...

Só que na animação da festa nem dava para pensar nada. Era só rir, se divertir, conversar, ver as belezas todas, cantar, dançar. Era só festejar São Benedito. Os homens da Congada já começavam. Todos vestidos de branco, com um camisolão de barra de renda por cima das calças. No peito, fitas de cor cruzadas pelos dois ombros. Na cabeça, um lenço branco comum, desses de assoar nariz, por debaixo de uma coroa de flores. E umas fitas coloridas penduradas. Cada um com seu instrumento, violas, pandeiros, chocalhos, reco-recos compridos, de madeira, com cabeça de gente e corpo todo talhadinho a faca, que faz som quando a gente esfrega com uma vareta.

Mas mais bonito que todos era o rei. De espada brilhante e capa comprida. No peito, uma porção de flores coloridas e enfeites de espelinhos que piscam com o sol. E na cabeça, toda prateada e enfeitada, uma coroa importante. Cheia de pontas. Feito uma estrela!

UMA ESTRELA!

Bino sabia que aquilo era com ele. E que o mistério não ia durar muito tempo mais. Só que naquele instante a música já começava e não dava muito tempo de pensar:

*São Benedito é uma flor
que tenho no meu jardim.
Tira de lá um botão, morena,
Joga por cima de mim...*

Essa conversa de flor fazia logo Bino lembrar de Maria. Olhou para ela. Ela estava olhando para ele. Sorriu. Ele, depressa, sorriu também. Aí ela falou no ouvido dele:

- A flor eu te dou depois. Quando a Congada acabar...

A música continuava:

*São Benedito está no seu altar
com os seus olhos brilhando.
Quem faz errado, quem faz direito,
São Benedito está assuntando...*

Vai ver, era isso mesmo. Ainda mais com ele, Benedito, do nome do santo. Se o santo ficava vigiando alguém, lá do altar, devia ser ele. Tinha que fazer direito. Fazer o quê? A música continuava:

*Alevanta, preto, alevanta,
decora bem no cantar.
Arrefina essa garganta,
faz o povo admirar...*

As danças iam animadas, cheias de voltas e de passos, de cumprimentos e reverências. Benedito nem conseguia prestar atenção direito. Dentro da cabeça dele, as idéias também faziam suas contradanças, indo e vindo, brincando de roda, girando corrupio, fazendo cordão. E a Congada já estava quase no fim. Os dançarinos se preparavam para chegar para a frente e para trás, batendo os chocalhos e pandeiros. E cantavam:

*Vai puxando pro seu rendimento
que São Benedito
é filho de Zâmbi!*

Isso era com ele, Bino sentia. Se a África era como a mãe, esse tal de Zâmbi devia ser como o pai. A música acabava e ele saía atrás de Tião:

- Quem é Zâmbi?
- Que pressa é essa?
- Me diz, vamos... Quem é Zâmbi?
- Foi um rei da gente, há muito tempo.
- Na África?
- Não, aqui.
- Aqui teve rei? Rei não era só do lado de lá? Aqui não era cativo?

Dilson também já estava junto, muito interessado:

- Seu Mané Faustino contou que aqui ficava todo mundo espalhado, trabalhando de graça para os outros, amarrado, levando pancada. Como é que podia ter rei?

Tião explicou:

- Olha, para falar a verdade, eu não sei essas coisas muito bem. Não ensinaram direito lá na escola.

Bino logo se meteu:

- Se não ensinaram direito, São Benedito está lá no altar assuntando. Os homens cantaram.

- Deixa Tião falar, Bino.

Como Dilson pediu, Bino deixou,

- Eu sei é que tinha um Zumbi que era o rei e veio para o lado de cá, preso, cativo. Depois o filho dele fugiu. Levou muita gente junto. Fizeram um quilombo, reino de preto que não era mais cativo. Lutaram muitos e muitos anos para conseguir não ser mais cativo de novo. Os filhos tiveram filhos. O rei chamava sempre Zumbi ou um nome parecido. Até que os bandeirantes chegaram lá e acabaram com tudo. Mas era um reino grande, cheio de gente, com muita terra.

- Do outro lado do mar?

- Não. Deste mesmo. Do outro lado dos morros, junto dos índios. Amigos deles.

Taí mais uma coisa que Bino gostou. Como ele era amigo de Maria, quando fosse rei um dia já levava essa vantagem. Dilson também devia estar pensando alguma coisa parecida, porque perguntou:

- E esse Zumbi teve filhos, netos?

- Teve.

- Qual vai ser o rei agora?

- Ah, ninguém sabe mais. E não precisa ser rei que nem os de antigamente.

Dilson quis saber mais:

- Tem que ser como? Como os reis do Congo? Eu pensava que para ser rei era só ser neto, bisneto ou tataraneto de cativo. Mas agora que você falou essa história do Zumbi, fico achando que tem que ser tataraneto é dele. Aí não é fácil, fica muito mais difícil eu ser rei, ou o Bino, ou você. Como é que a gente vai saber?

Bino se animava cada vez mais:

- Se a gente não sabe, então pode ser um qualquer. Aí mesmo é que fica mais fácil. Pode ser qualquer um, Dilson, você não vê? É só ter sido cativo e querer brigar para não ser nunca mais...

- E se tiver mais gente também querendo entrar nessa briga?

Bino não sabia bem. Estava pensando se nesse caso o rei ficava sendo o mais forte, ou o que brigasse primeiro, ou se todos podiam ser reis juntos – parecia melhor assim. Com uma porção de reis ao mesmo tempo, ninguém ia conseguir acabar com eles. Nem mesmo os tais bandeirenses ou bandeirantes que o Tião tinha falado e que Bino só conseguia imaginar como um homem cheio de bandeiras.

Nesse momento, ouviu alguém dizendo o nome dele muito suave:

- Bino, vem cá.

Olhou. Era Maria.

- Fui buscar a flor pra você, Bino. Está aqui. Mas não quero dar na frente de todo mundo.

Ele saiu com ela e sentaram debaixo de um coqueiro. Ele estendeu a mão e ela entregou uma flor branca, de pontas. Cheirosa.

- Toma. Um jasmim-estrela.

- Estrela Maria? Por quê?

- Sei lá, a gente falou de estrela naquele dia, não foi? Eu já tinha ficado tanto tempo pensando em estrela antes de descobrir as coisas dos índios na mata, do lado de lá do morro. Hoje quando eu ouvi a música, lembrei que tinha jasmim-estrela no meu jardim. Achei que você ia gostar.

- Gostei. Estou gostando.

E estava também cheirando, sentindo, olhando, pensando. Em casa, ele tinha uma estrela do mar. No cristal, tinha visto estrela da terra. De noite, conhecia estrela do céu. No mapa, Tião disse que a estrela da rosa dos ventos era um desenho que mostrava todas as direções. E esta? Um jasmim era estrela de quê? De cheiro? De cor? De terra, talvez, porque nascia na terra. Da água, talvez, porque precisava regar. Do céu, talvez, porque o cheiro seguia na brisa. Mas talvez também fosse de mostrar caminhos.

Na palma da mão o jasmim, com pontas.

Uma ponta mostrava o caminho do mar, da África, do começo de tudo, da gente que veio antes, da história sem cativo. Mas era também o caminho de depois, de saber como vai ser, de todos os reis, tantos, todos os que quiserem brigar para ninguém mais ser cativo.

Outra ponta mostrava o caminho oposto, o da terra, da mata atrás do morro, da gente de Maria, dos donos do lado de cá, mortos, prisioneiros, cativos, doentes. Mas também bonitos, fazedores de coisas lindas, entendedores de bichos de pêlo e pena, de plantas e insetos, de águas e estrelas, capazes de saber melhor do que qualquer um como é que se pode viver bem nesta terra.

Outra ponta mostrava a vila, com a festa, com São Benedito e Zâmbi, com o Rei Congo e a espada, coma figa de Guiné da avó e a reunião alegre de todo mundo, com os ensinamentos de Tião e a amizade de Dilson, com a sabedoria de seu Mané Faustino e o trabalho de cada um.

Outra ponta mostrava Maria, com cheiro de mato e brilho de fonte, sorrindo para ele mesmo. Bino, Benedito, pescador, rei, Zumbi, lado de lá, lado de cá. Ele com tudo o que tinha dentro, todas as idéias girando, todos os sentidos batendo no coração, uma estrela de tantas pontas dentro do peito, piscando e iluminando, jasmim espalhando perfumes, brilhos virando luz de cristal, rosa dos ventos mostrando caminhos, tantos caminhos. E todos como o jasmim, saindo do miolinho para as pontas, cada um numa direção.

E aí, olhando a flor, sorrindo para Maria, Bino descobriu que ele era capaz de ler. Ainda não lia os livros, feito Tião. Mas lia feito a avó Odila e Mané Faustino, feito a avó de Maria e o Rei Congo, feito Zumbi do reino do Quilombo. Bino estava lendo na flor e na estrela do mar, capaz de ler no cristal e nas estrelas. E se olhasse os búzios e as conchas, entendia agora que cada um aponta para um lado e os caminhos da gente seguem muitas direções. E que tem coisas de se guardar bem fechadas lá no fundo do búzio, no pedaço mais pontudinho e escondido – que nem tudo o que ele estava sentindo por Maria e não sabia dizer. Mas também coisas de se deixar escorregar e sair fácil pela abertura da concha, que vai ficando cada vez mais larga para ajudar a passar – como o sorriso que brotava nele para Maria e o beijo que deu nela.

Encostou a palma da mão na dela – duas estrelas juntas. Girou a mão um pouquinho. Agora eram dez pontas em vez de cinco. Pegou também a outra mão dela e juntou a dele – agora eram vinte pontas. Quanto mais pontas, mais caminhos, mais ia completando. Quanto mais reis, mais força tem Zumbi. Para nunca mais ser cativo, ia precisar de todo mundo e de todas as leituras – as dos livros e as das coisas. E para chegar lá, os caminhos eram muitos. E todos saíam dele, miolo de jasmim. E cada amigo era outro miolo, com muitos caminhos.

Cheirou a flor, ajeitou no cabelo de Maria, deu um beijo nela. De mãos dadas, veio voltando com ela da praia, de costas para a lua que nascia, numa coroa redonda em volta da cabeça dele, parecia até São Benedito.

Estava começando a virar Zumbi.

MACHADO, Ana Maria. **Do outro lado tem segredos.** Ilustrações de Gerson Conforto. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

O NATAL DE MANUEL

André estava ajudando a mãe dele a arrumar a sala para a festa. Armaram o presépio. Penduraram as bolas na árvore. Enfeitaram as portas. Pintaram os vidros da janela. Tudo para o Natal.

E André quis saber:

- Mãe, que é o Natal?

- é a festa do nascimento do menino Jesus.

Mas antes que ela explicasse mais, a campainha tocou. Tia Marta e tio Valdemar estavam chegando. Ele estava muito contente e disse:

- Minha loja está cheia de gente comprando coisas. Vou faturar firme. Natal é um tempo ótimo para ganhar dinheiro.

Mas tia Marta não parecia tão contente. Estava era muito cansada. Sentou numa poltrona, tirou os sapatos, pediu um copo d'água e falou:

- Esse negócio de comprar presentes me mata. Natal é um inferno.

André ouviu aquilo e ficou pensando. Não estava entendendo nada. Saiu da sala e foi para o quintal. No corredor, ouviu a irmã mais velha falando ao telefone:

- Estou louca para chegar logo o Natal, para eu usar meu vestido novo.

E na cozinha, no meio de uma porção de fôrmas e panelas, a cozinheira reclamava:

- Eu não agüento mais. Todo Natal é esta trabalhadeira...

Cada vez André entendia menos.

Ainda bem que Henrique estava brincando na calçada. Henrique era o primeiro aluno da classe, sabia sempre todas as lições, respondia a tudo. Devia saber. André resolveu perguntar:

- Henrique, que é Natal?

- É a capital do Rio Grande do Norte.

Mas Tião, o filho do porteiro do prédio ao lado, corrigiu:

- Natal era um cara lá de Madureira, que ajudou muita gente.

Ele era da Portela, mas já morreu.

Lá dentro, um anúncio no rádio gritava:

- Aproveite o Natal e troque sua geladeira!

E depois:

- O Natal é um presente que você trabalhou para merecer.

É... O Natal de Henrique e o do rádio não podiam ser o mesmo. Enquanto André pensava, viu que a avó vinha chegando. Depois de lhe dar um beijo, ela perguntou:

- Você está se portando direitinho, André? Amanhã é Natal, dia de menino bonzinho ganhar presente.

André resolveu perguntar ao pai, de noite, quando ele chegasse do trabalho. E ouviu isto:

- É um dia ótimo, feriado. Não tenho trabalho.

Antes de dormir André ficou deitado, pensando naquilo tudo. A cabecinha dele lembrava todas aquelas coisas: Natal é o nascimento de Jesus. É um tempo ótimo para ganhar dinheiro. É dia de ficar em casa sem trabalhar. É uma trabalhadeira. É um presente. É um inferno. É hora de trocar a geladeira. É um homem lá de Madureira. É a capital do Rio Grande do Norte. É dia de botar vestido novo. É dia de menino bonzinho ganhar presente.

No dia seguinte, André resolveu falar com Manuel. É que Manuel era o maior amigo dele, colega na escola pública, um menino muito pobre, filho de Dona Maria e de Seu José, marceneiro e biscateiro que morava na favela ali perto.

- Manuel, eu queria descobrir o Natal de verdade.

- Natal é o que a gente acha que é. Cada um tem o seu, de um jeito diferente.

Para você, Natal é o que, André?

- Sei lá... Um dia de estar todo mundo junto, alegre. Uma festa.

- É isto mesmo. Mas tem alguns segredos.

- Já sei. Precisa ser bonzinho...

- Nada disso. Precisa é ser bom. Bom mesmo. Emprestar brinquedos para os outros. Não maltratar os animais. Não bater em menino menor.

- Em maior pode?

- Às vezes, pode, que nem no outro dia, quando o João queria quebrar a bicicleta da Teresa e você não deixou. Mas o melhor é descobrir sozinho os segredos do Natal.

Então André convidou:

- Você não quer vir com seus pais passar o Natal lá em casa conosco?

Manuel deu um sorriso muito maroto, de quem estava aprontando alguma brincadeira:

- Querer, quero. Mas nós vamos estar ocupados hoje... Não posso prometer. Quer dizer, não vou, mas vou.

E os dois se despediram.

De noite, começou a festa, linda.

Uma porção de coisas gostosas em cima da mesa. Uma porção de gente chegando, sorridente, de roupa nova. Os avós, os tios, os primos, os irmãos, os amigos. Só Manuel não chegava com Dona Maria e Seu José.

Todo mundo ria e estava alegre. Começaram a comer e a beber em volta da mesa. Mais tarde, cada um deu presentes para ao outros e foi muito divertido. André pegou logo uns carrinhos e foi brincar perto de onde estava armado o presépio.

Então ele lembrou que aquela festa toda era por causa do nascimento do menino Jesus. E começou a conversar com ao aniversariante, que estava quietinho lá no presépio, deitado na palha perto de São José e de sua mãe, Maria.

- Como é, Jesus, está gostando de sua festa? Sabe de uma coisa? Eu nunca tinha reparado, mas você é a cara do Manuel...

Aí o menino do presépio piscou o olho para André, e deu aquele mesmo sorriso maroto do Manuel. André sabia que não era sonho, que não era porque estava tarde e ele também já estava piscando. Era porque Manuel tinha vindo mesmo ao Natal dele.

E André ficou ainda mais feliz. E aprendeu então o segredo do Natal. Aprendeu que Natal é um dia de festa, mas não é muito diferente dos outros dias. Quem é interesseiro o ano todo, continua interesseiro no Natal. Quem é resmungão, continua resmungão. Quem é invejoso, também. Quem só pensa em comer, só vê comida. Quem gosta das pessoas fica feliz porque todo mundo está alegre junto.

E quem é bom e quer encontrar o Natal de verdade pode até descobrir que o menino Jesus é um amigo da gente.

PRAGA DE UNICÓRNIO

Até que o tal edifício era bom. Quer dizer, na opinião dos grandes. Tinha garagem, tinha esquadria de alumínio e vidro fume – pelo menos os anúncios diziam isso, embora não soubesse muito bem para quê. E se os tais anúncios fossem marchinha antiga de carnaval, até podiam cantar que nem a *Aurora*:

“Um lindo apartamento com porteiro e elevador
e ar refrigerado para os dias de calor...”

Mas a meninada que morava lá não estava muito interessada em conversa de marchinha antiga nem em linguagem de anúncio. Mesmo que as vantagens do prédio incluíssem um tal de *playground*, assim mesmo, com nome em inglês. Claro, sempre era um espaço, mas não chegava a ser um *terreno para brincar*, como o Dicionário prometia a Diogo, quando ele foi procurar o que queria dizer aquela palavra esquisita. Pra começar, *terreno* tinha que ser de *terra*, claro. E o tal *playground* era de cimento. Neca de terra, nem planta, nem minhoca, nem besourinho, nem grilo, nem mato, nem riacho, nem perereca, nem pedra, nem caramujo, nem capim, nem musgo, nem borboleta, nem joaninha, nem tanta coisa que se a gente fosse fazer a lista completa não acabava nunca mais. Era mesmo enorme.

Enorme também, imenso, quase infinito era o tamanho do vazio que Diogo sentia dentro dele às vezes, quando dava vontade de sonhar com matas e campinas iguais às que ele via na televisão, mas tinha que se contentar com aquele cimento cinzento.

Ou seria exagero? Na entrada do prédio, tinha uma palmeirinha num vaso. Anã e desbotada, mas palmeira. E na casa de Diogo e dos amigos dele, bem que havia uma porção de plantas, em vasos, latas e xaxins. Sempre ajudava. Mas sem ser planta com espaço, nascida em terra-chão, como é que ia poder ter bicho para valer? E bicho faz a maior falta...

- Já imaginou, se a gente pudesse sair galopando a cavalo pelos campos? – propunha Diogo.

Os amigos logo embarcaram na idéia:

- É... toda tarde íamos juntar o gado no pasto... – emendava Joana.

- ... laçar um bezerro desgarrado... – continuava Lucas.

- ... com cuidado para ver se a onça não vinha da mata para atacar... – voltava Diogo, já na maior animação.

- Não – interrompia Rafael. - Não tinha perigo, os nossos cachorros iam ser muito espertos, num instante sentiam cheiro de onça lá longe...

E assim ficavam horas, falando de patos e gansos na lagoa, de galinhas e perus no galinheiro, de leões e macacos na floresta, de camelos e abutres no deserto e até de dragões em qualquer canto. De tudo quanto é bicho que se possa imaginar. E bota imaginação nisso.

Como não dava jeito de fazer toda essa arca-de-Noé caber de verdade no prédio, eles se contentavam com o que podiam. Alguns tinham cachorros em casa, como Diogo e Rafael. Clara tinha um porquinho-da-índia. Cláudio tinha um rato branco. Quase todos tinham passarinho – em gaiola, mas tinham. Uns até bem cantadores, como o curió do Rodrigo ou os canários do Lucas. Outros, então, muito barulhentos, como o casal de periquitos do Tiago, acordando todo mundo desde cedo. E tinha também os bichos sossegados, como os peixes da Joana, o jabuti de Pedro e a tartaruga da Flávia. E tinha o gato da Elisa e a gata da Júlia (que vivia tendo gatinhos). Sempre dava para alegrar um pouco o ambiente.

Até que veio o síndico novo.

O síndico não tinha bicho nenhum. Nem crianças. Nem muitos amigos. Tinha mesmo era uma cara de poucos amigos, de pouquíssimos. Vai ver, de nenhum. Morava no edifício há pouco tempo e chegou logo falando em valorização dos apartamentos, ordem entre os moradores, e não sei que mais. Só sei que era uma conversa impressionante. Pelo menos, para quem votou nele para síndico. Ou então, tão pouco impressionante que uma porção de gente nem foi a reunião nenhuma, nem votou em ninguém. E ele virou síndico.

- Vou tomar providências! – anunciou.

E tomou. Primeiro, demitiu o porteiro (porque era um nordestino enfezado), o servente (porque era analfabeto) e o vigia (porque sim, ora essa!). Botou outros nos lugares. Depois deu de baixar ordens:

– Não pode correr pelos corredores, não pode transitar de patins pelas áreas comuns (todo mundo ficou pensando o que seria isso), não pode pendurar roupas nas

janelas, não pode pendurar vasos perto das janelas, não pode ter visita depois de dez horas, não pode bicho hora nenhuma.

- Como? – estranharam as crianças quando souberam.

- Isso mesmo. Não pode, porque não pode. Bicho transmite doença, faz barulho, cheira mal, suja tudo.

Não adiantou argumentar. O jeito foi cumprir a ordem.

Foi cada despedida de cortar o coração. Rafael mandou o cachorro pra casa da avó, Clara levou o porquinho-da-índia para o colégio, Tiago deixou os periquitos em casa do primo, Elisa deu o gato para o vigia do supermercado, Pedro tentou esconder o jabuti embaixo da cama, Cláudio procurou uma formula de fazer rato virar tatu e cavar túnel no chão, mas não adiantou. No fim de uns dias, estava tudo como o síndico queria. Sem barulho, sem doença, sem fedor, sem sujeira (coisas que eles achavam que também não tinha antes). E sem alegria nenhuma.

Só que ninguém se conformava. Para distrair, viam televisão, liam histórias, conversavam. E até hoje não se sabe como foi que a idéia começou, se foi em filme, em livro, ou em bate-papo. Mas num instante se espalhou. Feito uma praga. Praga de unicórnio.

A primeira vez que o síndico viu foi no elevador. Ele ia descer e, quando abriu a porta, viu Diogo encolhido no canto com alguma coisa no colo. Não deu para entender direito o que estava vendo. Ainda perguntou:

- O que é isso menino?

- Filhote de unicórnio.

Antes que o síndico voltasse a si do espanto, achando que devia ser um bichinho de brinquedo, o elevador já estava no térreo e Diogo saía aos pinotes:

- Cuidado, gente, lá vem ele!

O homem mal teve tempo de esfregar os olhos para ter certeza de estar vendo a criançada na brincadeira, pelo cimento do *playground*, com uns cavalinhos de chifre no meio da testa. Num instante, tinham sumido todos, até o mais atrasado, que tinha enganchado o chifre na corda que servia para brincar de pular. Nem vestígio de nada. Em segundos estava tudo deserto.

Saindo da garagem, ao dar marcha à ré com o carro, o síndico lá viu de repente, pelo espelho retrovisor, uma coisa estranha: um arco-íris em volta de um animal esquisito: com um chifre só, feito um rinoceronte, mas com corpo e jeito de cavalo. Desligou o motor, saltou para olhar melhor, nada!

- Vou marcar hora no oculista – pensou. – Não estou enxergando direito. Mas depois se despreocupou. No escritório tudo correu bem e ele até se esqueceu dos tais bichos.

De noite, ao voltar para casa, ouviu no corredor um galope esquisito. Virou-se bem depressa e ainda conseguiu ver um unicórnio, com um menino montado, desaparecendo feito um raio escada abaixo. Rapidamente, o síndico entrou em seu apartamento. A mulher acabava de chegar do supermercado. Mas de cada sacola de compras, brotava também algo esquisito pelo meio das embalagens – ora uma ponta de chifre nacarado, ora uns fiapos de crina esvoaçante, ora a saudade de um trote ligeiro.

O homem abriu a janela, pensando que talvez uma lufada de ar puro sumisse com aquelas assombrações. E viu lá embaixo uma cena inesquecível: a criançada toda correndo no *playground*, cada uma com o seu unicórnio. Resolveu chamar as crianças.

Vieram todas, sem bicho nenhum.

- Que brincadeira é essa? – perguntou furioso.

- Não sabemos do que o senhor está falando – respondeu Rafael.

- Que bicho é esse que vocês arrumaram? – gritava quase espumando.

- Um bicho que não transmite doença, não faz barulho, não cheira mal e não suja nada – explicou Diogo. – Então, um bicho que pode.

- E tem mais – continuou Joana. – É um bicho muito nobre, amigo de reis e princesas, vai valorizar muito o edifício, pode até botar um escudo com a cara dele na portaria.

- É um unicórnio – esclareceu Pedro.

- Um, não. Uma porção. Uma praga de unicórnios – corrigiu Cláudio.

- Não pode ser. Esse bicho não existe – decretou o síndico.

- Isso mesmo. O senhor não está vendo nada. Então deixe ele em paz. E a gente também.

E saíram todos.

Ainda perturbado, o síndico achou que podia estar tendo alucinações por causa do calor. Foi até a cozinha. Pegou um copo no armário, com dificuldade, por causa de um unicórnio enorme, encolhido lá dentro, de óculos, lendo revistinha. E quando abriu a geladeira, desistiu: aproveitando a temperatura fresquinha e a alimentação farta, uma unicórnica tinha feito ninho lá dentro e tranqüilamente amamentava seus filhotes.

Não se sabe se ele foi levado por uma ambulância, um tapete voador ou se foi transportado por uma carruagem puxada por uma parelha de unicórnios brancos, mas o caso é que desde este momento, nunca mais o síndico foi visto por ninguém. Há até quem garanta que ele agora vive no mundo da lua, sem coragem de sair de seu foguete para não encontrar com o dragão ou o cavalo de S. Jorge, bichos que ele não simpatiza. Esteja onde estiver, o fato é que sumiu. A mulher dele, de susto começou vida nova: trancou a cozinha, mudou, e foi estudar veterinária.

Por falar em sumiço, os unicórnios também sumiram. Ninguém se lembra de nunca ter visto nenhum.

Mas também, agora, há tanta coisa para ver no jardim do prédio... O novíssimo síndico mandou quebrar o cimento, botar terra e agora tem planta, minhoca, besourinho, caramujo, mato, pedra, caco de telha, montes de coisas. Muito mais do que tinha. Mas muito menos do que a criançada queria. Por isso, eles estão planejando alguma coisa para conseguir uma praça para o bairro, com bastante espaço para brincar. E se a praça demorar muito, pode ser que os unicórnios ataquem outra vez. Até no palácio do prefeito.

MACHADO, Ana Maria. **Praga de unicórnio**. Ilustrações de Humberto Guimarães. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

GENTE BEM DIFERENTE

Era uma vez um avô e uma avó.

Um pai e uma mãe.

E dois netos – Rodrigo e Andréia.

Gente como toda gente.

Gente como toda gente? Nada disso, gente bem diferente.

E eu sei do que estou falando porque é o meu segredo que eu estou lhe contando. Sente aí e ouça comigo. É segredo meu e do Rodrigo.

Quem não conhece, nem desconfia, pois vê eles só de fora, com o jeito de todo dia. Jeito de qualquer Chico, de qualquer Dona Maria, de toda e qualquer vó Beth, de qualquer vô Zacaria.

Mas quando se repara bem, fica logo evidente que o jeito que eles têm não é igual ao de toda gente. Que nem eu aqui, agora, contando caso em versinho. Como quem chega de fora, vai falando de mansinho, e depois já foi embora, vai seguindo seu caminho.

- Pois vá mesmo, Andréia. Deixe eu contar um pouco. Primeiro me apresento. Sou Rodrigo, o irmão dela, filho daqueles dois e neto dos outros dois (e tem ainda mais dois avós que não entram nesta história porque moram em outra cidade). Andréia adora música; passa o dia cantando e vive inventando letra que rima. Mas se for contar essa história toda vai levar um tempão. Então eu falo um pouco e depois ela termina.

Mas é isso mesmo que minha irmã estava contando. Pra quem não prestar muita atenção, somos uma família bem normal, parecida com as outras. Só que um dia a Andréia começou a ver umas diferenças e me perguntou:

- Rodrigo, você já viu algum dia a vovó de óculos, velhinha, cabelo branco preso num rolinho no alto da cabeça, sentada na cadeira de balanço fazendo tricô e cochilando toda hora?

Eu tive que rir:

- Claro que não, Andréia, que pergunta!

- Mas em quase todo livro de história avó é assim. Alguma coisa está errada.

- A nossa não é. Quer dizer, óculos, ela até que tem. Mas não tem cadeira de balanço. Também, se tivesse, quase não sentava, porque ela não pára quieta, está sempre agitando. Sai cedinho para a loja, arruma tudo, troca a água dos jarros...

- É que vender flores dá um trabalhão danado – lembrou minha irmã. – Precisa ficar separando as murchas, cortando cabo, toda hora enxugando coisa molhada. E mais E mais atender o telefone, receber cliente, resolver coisa de banco... Não é trabalho para velha.

- Ainda bem que ela não é velhinha. Nem tem cabelo branco...

- É porque ela pinta, seu bobo... – interrompeu Andréia. – Você nunca reparou que às vezes ela aparece com o cabelo mais claro, outras mais escuro?

Eu fiquei espantado, nunca tinha pensado nisso. Mas Andréia sabia de tudo, já tinha até ajudado uma vez a segurar o algodão enquanto a vó apertava um tubinho para sair a tintura.

- Ela agora anda com vontade de usar lentes de contato quando tiver uma grana. Ainda outro dia estava dizendo que está cansada de usar óculos, quer renovar o visual... – continuou minha irmã.

- É?

- A vovó é muito vaidosa e me ensinou uma porção de truques.

Eu tenho até vergonha de contar, mas foi bem assim, eu devia estar parecendo um bobo, só perguntando e repetindo:

- Truques? Como assim?

Andréia me explicou:

__ Lavar a cabeça com macela para clarear o cabelo, comer cenoura para a pele ficar bonita, essas coisas. Depois ela me penteia, a gente se olha no espelho e ela pergunta: “Espelho claro como a água quieta, será que no mundo existe menina linda como a minha neta?”

puxa, eu não sabia de nada disso... Era uma coisa só das duas. Acho que fiquei com um pouco de ciúmes, só um pouco, não sei bem. Meio chateado de ver que estava de fora. Mas perguntei:

- E o espelho responde?

- Responde! – garantiu Andréia. – Quer dizer, eu mesma nunca ouvi muito forte, só uns barulhinhos tão fraquinhos que nem dá para entender. Mas a vovó está bem acostumada e entende tudo, então ela repete pra mim. Quase sempre ele diz que eu sou a mais linda, mas às vezes implica. Fala que eu tenho que escovar os dentes, dormir mais cedo, comer mais ou não ficar de cara zangada. Parece até gente grande.

Achei um pouco esquisito.

- E você acredita?

- Claro, já vi tantas vezes a vovó falando com as plantas e as flores lá na loja e elas fazendo direitinho o que ela pede: ficam mais lindas, duram mais, tudo como ela quer. Um dia desses ela convidou umas margaridas para entrarem num pano para mim. E no dia seguinte, quando eu cheguei, não é que as flores não estavam mais no vaso e ela me deu um vestido pronto todo cheio de margaridinhas?

- Puxa!

- E sabe por que tudo isso? Eu vou lhe contar o que eu descobri. Mas é segredo, não conte para ninguém.

Aí ela encostou a boca no meu ouvido e contou, fazendo uma cosquinha gostosa. Mas eu não posso contar a ninguém agora, porque prometi. Daqui a pouco ela mesma conta.

Só perguntei:

- Você tem certeza?

- Claro. Quer outras provas? Número um: o pezinho dela é pequeno, menor que o da mamãe. Número dois: ela adora maçã. Número três: ela vive tirando as etiquetas de dentro das roupas, reclama que tudo espeta, como aquela moça que deitou em cima de montes de colchões empilhados e não dormia por causa de uma ervilha lá em baixo.

Aí entendi tudo e lembrei de outras coisas:

- Isso mesmo! Andréia, você tem razão! Claro que é verdade. E tem mais coisas ainda, outras provas. Ela gosta de ganhar rosas; sempre que a gente pergunta que presente ela vai querer, diz que basta uma rosa, que nem a Bela. E também tem sono pesado e prefere que a gente acorde ela dando um beijo (mas nunca dormiu cem anos). E ainda mora num prédio tão alto que só pode ser uma torre...

Depois dessa conversa, andei uns tempos pensando no resto da família. Acabei descobrindo também. Quando tive certeza, perguntei a Andréia:

- E vovô Zacaria?

- Que é que tem?

- Você imagina ele que nem avô de história? Um cara meio surdo e esquecido, sempre em casa lendo o jornal, de chinelos e pijama, fumando cachimbo e resmungando?

- Essa não! – riu Andréia. – a gente entra naquele banco e sempre encontra o vovô atrás da mesa assinando papéis, falando ao telefone, e um monte de gente esperando a vez de falar com ele. Sempre ocupado e importante. Adoro quando ele conta que começou a trabalhar lá como mensageiro, quando ainda era menino... E trabalhou tão bem que os donos nunca mandaram ele embora.

Eu criei coragem, respirei fundo e comentei:

- Pois eu descobri que isso não é verdade, Andréia. Essa história de subgerente de banco é só um disfarce do vovô. Para despistar. Para a polícia não pegar...

- Polícia? O vovô é um bandido? De onde você tirou essa idéia maluca, Rodrigo?

- Hoje em dia, não. Quer dizer, não exatamente um bandido. Mas se descobrirem, pode ser muito perigoso pra ele.

- Por quê?

Foi minha vez. Pedi segredo, falei no ouvido, aquela coisa toda. Mas a escandalosa da Andréia quase estraga tudo porque gritou:

- Um pirata?

Ainda bem que não tinha ninguém por perto. Tive de acalmar minha irmã. E expliquei:

- Mamãe não vive ralhando com ele, dizendo que ele não devia nos encher de presentes porque ganha pouco? Mas ele continua dando. Deve ser porque tem um tesouro escondido em algum lugar que só ele sabe. E lá no banco? Você alguma vez já ficou por perto ouvindo a conversa? As pessoas pedem dinheiro e ele manda dar. E não é pouquinho, não, Andréia, são milhões, milhões...

- Será mesmo? Eu não sabia. Pensava que era dinheiro do banco, sei lá, eu não entendo nada dessas coisas.

- Pois acho que é para disfarçar. Pense um pouco. De que é que ele gosta?

- De praia, pescaria, andar de barco. E de mapas antigos.

- Está vendo só? Um velho marinheiro... E de que é que ele não gosta? – continuei
Andréia pensou mais, antes de responder:

- De fazer a barba. De usar gravata. De despertador. E de lagartixa...

- Claro, é jacaré pequeno!...

Foi só aí que ela entendeu, acreditou e falou:

- Meu Deus! Igualzinho ao Capitão Gancho! Um avô pirata! Com medo de crocodilo...

Depois acrescentou:

- Mas ele é um homem bom, só pode ser um pirata do bem. Que só foi ser pirata porque a mãe dele morreu quando ele era pequenininho e não explicou direito o que é certo e errado. Igualzinho ao Barrica, da história do Peter Pan...

- ... que ele mesmo adora contar pra gente...

- É, que ele mesmo conta – concordou Andréia.

Pensou mais um pouco e acrescentou:

- Rodrigo, você tem razão. Lembrei de outras coisas. Ele adora usar camisa listrada. E tem um papagaio. Quem diria, hein? Um avô pirata... Nosso próprio avô...

- Será que a vó Beth sabe? – perguntei.

- Claro! Vai ver se apaixonaram eo pai dela não deixou eles casarem. Ou então tinha muitos cavaleiros pretendentes e então ele raptou ela e levou para uma ilha deserta. Eles não vivem contando que já fizeram uns passeios numa ilha? Ah, que romântico.

Depois dessa conversa ficávamos toda hora olhando os dois e descobríamos mais alguma coisa. Íamos sempre à loja de flores da vovó, que é perto daqui de casa e dá para ir sozinho. Reparamos que ela usava luvas para mexer com as rosas:

- É por causa dos espinhos – explicou. – Senão, fico toda machucada. Minha pele é muito delicada.

Num fim de tarde, quando estávamos lá, vovô entrou, deu um beijo nela e disse:

- Vim buscar minha princesa.

- Ainda é cedo – disse ela.

- Você se esqueceu de que hoje a gente vai ao Palace?

Eles estavam falando em código! Mas Andréia e eu entendemos perfeitamente: estavam combinando alguma coisa num palácio. Piscamos um para o outro. Se ainda precisasse de alguma prova, essa era a certeza final.

Depois disso, começamos a pensar na filha deles. Isto é, nossa mãe. Maria. Será que dava para ela ser igual a todo mundo sendo filha de um casal tão diferente? Conversamos muito sobre isso.

Quando falei pela primeira vez no assunto, Andréia protestou:

- Mãe, não! Deixe a mamãe de fora dessa história. Ela é igualzinha a todo mundo, a todas as mães lá da escola.

- Igualzinha mesmo? – insisti.

- É... Só que é melhor que todas elas juntas.

- E por quê?

- Porque não é tão chata, não passa o dia todo no pé da gente, enchendo a paciência. E mesmo quando chega do hospital supercansada não fica dando bronca à toa, sempre arruma um tempo para conversar, cantar uma música antes da gente dormir, contar história.

Pensou um pouco mais e corrigiu:

- Bom, quer dizer, quase sempre...

- E você acha isso normal? Uma mãe com tanta paciência assim? Não acha que isso é bem diferente?

Dessa vez Andréia teve que pensar mais um pouco antes de responder:

- Bom, muito normal mesmo acho que não é. Mas ela está acostumada a ter paciência, quem trabalha de enfermeira tem que agüentar uma porção de coisas e ter a maior calma, ser carinhosa, tudo isso. Eu às vezes até acho que é muito esquisito chamar os doentes do hospital de paciente, ela é que é...

- Quer dizer que você não acha que ela é diferente das outras mães?

- Diferente em quê? Só acho que ela é mais bonita. E melhor. E adoro quando ela fica em casa o dia todo depois de dar plantão. Ela fica inventando coisa legal, faz bolo gostoso, enfeita prato, conserta roupa, ensina a gente a fazer desenho e colorir com

algodão e raspinha de lápis de cor. Fica lindo, até parece figura de livro, daqueles de história de fadas...

- Ah, agora sim você está começando a me entender... – disse eu. – E o que é que papai diz das mãos dela?

__ Sei lá! “Tira a mão daí?” Quando ela mexe nas coisas dele?

Dessa vez quem quase perdeu a paciência fui eu.

__ Puxa, Andréia, às vezes você custa a entender, hein? Isso ele diz é para gente. Mas quando ele vê ela sossegada bordando ou lixando e pintando aquelas caixinhas que ela gosta de fazer pra dar de presente no Natal, o que é que ele diz, Andréia? Será que você não lembra? Ele fala que ela tem mãos...

__ ... de fada! __ interrompeu ela. __ Que tudo o que ela toca fica bonito.

__ Isso mesmo.

- E outro dia – lembrou minha irmã __, quando ele se machucou com aquele anzol na pescaria com o vovô, só queria deixar que ela fizesse o curativo. E ficou de novo falando nessas mãos mágicas que ela tem.

- Exatamente, Andréia – concluí. – Por isso é que eu acho que pode ser que mamãe seja uma pessoa bem diferente. Uma pessoa que dá jeito em tudo, resolve tudo quanto é problema que a gente tem. Que trata de nós quando a gente fica doente, dá chazinho, faz massagem, umas porções que ela chama de remédio, e pronto! Num instante melhora tudo. Até machucado. Ela Poe no colo, passa mertiolate que arde um pouquinho, sopra, dá beijo e diz as palavras mágicas: “Pronto, não chore mais que já vai passar!”

- E num instante passa!

- Isso! Num instante passa! – concordei. – Isso não é normal. Mas também ela não podia ser muito normal sendo filha de quem é.

Fomos conversando mais e descobrindo mais coisas. No fim, já tínhamos certeza.

Mas aí apareceu outra dúvida: se mamãe era assim, e filha de um casal tão diferente, será que ia se casar com um cara normal? Ou será que papai também era completamente fora dos quadros? Aí foi muito mais trabalhoso. Porque ele disfarça muito bem. Tão bem que não deu para descobrir.

Andréia e eu levamos um tempão reparando bem, prestando atenção. Um sujeito como os outros, de nome comum (Francisco) e apelido mais comum ainda (Chico). Não dá para ser príncipe, cavaleiro nem super-herói com um nome desses. Um cara meio desajeitado, que vive esbarrando nas coisas, grandalhão, tão grande que até a cama deles é especial. Quando a gente viaja ele sempre fica com os pés sobrando nas camas dos outros, até mesmo na casa dos pais dele. E que pés! Quando vai chegando o Dia dos Pais ou o Natal, ou o aniversário dele, e a gente sai com a mamãe para escolher um presente é a maior dificuldade achar sapato com aquele número grandão, tem que ser tênis de jogador de basquete. Ele devia jogar, mas não liga muito. Gosta é de pescar, fazer churrasco ou então de reciclar coisas; passa o domingo metido na oficina dele na garagem, fazendo consertos, parece um inventor maluco.

Já não chega passar a semana toda trancado naquele laboratório onde trabalha, sábado ainda fica ajustando antena de televisão de vizinho, consertando rádio que está chiando, trocando coisa velha por coisa nova, diz que adora fazer isso, é um descanso.

Ainda no mês passado estava pedindo para ver o abajur da Dona Teresa, combinando para ela trazer a lâmpada velha que ele trocava por uma nova. Fica lá com as ferramentas dele, mas na hora do almoço, quando o bife está fritando, ele sai lá de dentro e entra pela casa respirando fundo: "Ai, que cheirinho bom de carne!" E na hora da comilança ainda passa o pão no prato, catando todo o caldinho vermelho. Depois vai dormir. Às vezes ronca, mas só às vezes. E não quer que a gente faça barulho quando dorme de dia. Mas quando vamos a algum lugar e voltamos tarde, se acontece de nós dormirmos no caminho, ele não nos acorda. Carrega a gente no colo, mesmo se for difícil, como no dia em que a gente veio de ônibus e a Andréia caiu no sono: ele veio do ponto até em casa com ela no braço, a cabeça deitada no ombro dele. Como qualquer pai. Tudo de bom que a gente quer ele dá um jeito. Pode demorar, pode parecer impossível, pode ser que ele nos explique que vai ter que ser um pouco diferente, mas no fim, pimba! Resolve. Um paizão.

Mas um pai como qualquer outro. Nada de diferente.

Pelo menos era o que a gente achava. Até que, de repente, entendemos.

- Espere aí, meu amigo,

que chegou a minha vez.
Fim do papo do Rodrigo,
que contou tudo dos três.
O assunto agora é comigo,
e eu vou contar pra vocês.

e para que ninguém diga
que a rima aqui me atrapalha,
para não haver intriga,
fofoca que já se espalha,
desta vez conto ligeiro
e vou acabar primeiro.

Minha avó é uma princesa,
meu avô é um pirata,
papai é um gênio ou gigante,
mamãe é fada que trata.

Esse é o grande segredo,
essa é a maior maravilha,
descoberto tarde ou cedo,
mistério desta família,
diferente mas sem medo:
dois avós, marido e filha.

Só que baú de tesouro
pode ter outra caixinha onde se esconde mais ouro que nem parece que tinha,
coisas de pirata mouro
ou de princesa e rainha.

E o segredo revelado
nos mostrou outro mistério
que tem que ser decifrado
pois é mesmo um caso sério.
Não dá pra ser desligado
nem fingir que está aéreo.

Se é tudo diferentão,
pai e mãe, até avós,
quem prestou muita atenção,
quem ouviu a nossa voz,
quem seguiu minha canção,
agora que estamos sós,
venha cá, me dê a mão
e diga:
quem somos nós?

MACHADO, Ana Maria. **Gente bem diferente**. Ilustrações de Roger Mello. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

DE CARTA EM CARTA

Era uma vez um menino pequeno que morava numa cidade pequena. Acho até que não foi há muito tempo. Nem muito longe daqui. E que o menino não era tão pequeno assim. Mas ainda não sabia ler nem escrever.

Muita gente na cidadezinha não sabia, mesmo gente muito maior e mais velha do que ele.

A cidade era antiga e ficava na beira do mar. Tinha ruas estreitas, igrejas lindas e pracinhas. Tinha lembranças de um tempo de muita riqueza. Tinha fortes que não serviam para mais nada, mas antigamente tinham sido usados para defender a cidade dos ataques de piratas. Tinha casas coloniais de dois andares, com jardins em pátios internos e varandinhas cheias de vasos de flores. E em alguns lugares, essas varandas eram grandes, no segundo andar, por cima de uns arcos que se apoiavam nas calçadas em volta das praças e largos.

Um desses largos se chamava “Praça dos Escrevedores”.

Lá, debaixo das arcadas, ficavam as bancadas de trabalho dos homens que se encarregavam de escrever todas as coisas importantes que o pessoal da cidade precisava, mas não sabia – cartas, bilhetes, documentos.

Alguns escrevedores apoiavam as máquinas de escrever em cima de pequenas mesas, escrivaninhas ou até caixotes.

Outros ainda estavam começando na carreira – escreviam à mão – e cobravam mais barato. Mas todos passavam o dia ali, sentados em volta da praça, conversando e esperando fregueses.

Esta é a história de dois fregueses dos escrevedores. O menino Pepe e seu avô José.

Eles moravam na mesma casa, com o resto da família – mais quatro crianças, e os pais do menino. A mãe dele, Teresa, era filha do avô José.

Todo dia, bem cedo, o pai e a mãe saíam para trabalhar. Os irmãos mais velhos saíam para a escola. Pepe ficava com o avô. Já tinha idade para ir ao colégio, mas não queria. Preferia ficar brincando e quase sempre faltava à aula. Dizia que precisava fazer companhia ao velho e os pais acabavam deixando.

O velho José tinha sido um ótimo jardineiro. Agora estava cansado, mas ainda fazia pequenos trabalhos com as plantas nas casas da vizinhança. E muitas vezes levava o neto junto, de ajudante.

Os dois eram muito amigos, mas também brigavam bastante. Eram muito parecidos – teimosos, implicantes. Discutiam por qualquer coisa:

- Capine este canteiro. Com capricho, hein... Não deixe nem um pouquinho de mato...

- Ah, vô, não gosto de capinar. Vamos fazer assim: o senhor limpa o mato e eu rego.

- Nada disso. Vai encharcar tudo. Você bota água demais, afoga as plantas...

- O senhor é que traz o regador quase vazio, porque não agüenta carregar peso. As plantas vão acabar morrendo de sede, tá sabendo? Deixe que eu faço isso.

- Está me chamando de fraco? Dizendo que estou velho e não presto para mais nada?

- Mas está fraco mesmo... Só estou dizendo a verdade... Também não precisa se zangar à toa.

- Você é muito malcriado, isso sim. Vou contar para seu pai. Ele vai te botar de castigo, você vai ver só. Se não pedir desculpas, já, já, quando ele chegar eu vou contar tudo o que você faz, todo dia.

O menino não queria ir de castigo. Mas não ia pedir desculpas. Ficou quieto, ruminando a raiva. O avô continuava a resmungar:

- Todo dia é a mesma coisa. A maior falta de respeito. Nunca vi um menino de sua idade dizer essas coisas a um mais velho. No meu tempo, não tinha isso... Você está muito mal-educado. Se me disser mais uma coisa dessas, vai ver só...

Furioso, Pepe saiu de casa. Bateu o portão, mas não aliviou a raiva. Não podia responder ao avô, para não ir de castigo. Mas bem que tinha vontade. Se soubesse, dava um jeito de dizer uns desaforos a ele, mas sem falar.

Escrevia uma carta bem malcriada para o velho. Mas não sabia. E não estava com vontade nenhuma de ir à escola para aprender.

Saiu caminhando pela calçada. Xingou baixinho. Chutou uma lata vazia que estava no chão, mas a raiva não passou. Continuou andando. Até que chegou à Praça dos Escrevedores. E teve uma idéia.

Chegou bem perto de um dos homens que estava esperando fregueses diante de sua mesinha e perguntou:

- Bom dia, seu Miguel. Quanto custa escrever uma carta?

- Bom, depende do tamanho... – respondeu o homem. – Mas para quem é?

- Para mim mesmo. Quer dizer, é para eu mandar para alguém, mas eu é que quero que escreva.

- Por que não escreve sozinho?

- Ainda não aprendi.

Seu Miguel olhou bem para Pepe, achou que era uma tristeza um menino daqueles não saber escrever. Os mais velhos não tinham mais jeito, era muito difícil aprender agora – e tinham sido crianças no tempo em que não havia escola para todo mundo na cidade. Só que agora havia. Seu Miguel sabia que com isso ia perder os

fregueses, mas achava bom ver a garotada estudando. E achava um absurdo pai e mãe que deixavam o filho faltar à aula. Então inventou uma condição e respondeu:

- Para menino da sua idade eu não cobro nada. Mas tem uma coisa: você tem que ir à escola um dia e vir me contar como é, porque eu tenho muita vontade de saber... Esse vai ser o seu pagamento.

Pepe não gostou muito da condição. Mas só tinha poucas moedinhas, numa caixa que tinha ficado em casa, e não queria gastar com escrevedor. Além disso, queria a carta logo. Então propôs:

- É uma carta bem curtinha. Pode escrever logo hoje e eu pago amanhã?

- Claro...

- Então escreva aí:

VOCÊ ESTÁ MUITO CHATO...

Seu Miguel escreveu. E perguntou:

- Só isso?

- Não, tem mais. Agora escreva:

VÁ PARA O INFERNO!

Ele escreveu. O menino estendeu a mão.

- Pronto, pode me dar. Eu levo para entregar.

- Não vai assinar? E botar num envelope?

- Ah, é, eu me esqueci... Então assine aí: Pepe. E bote num envelope para José.

O homem fez o que o menino estava mandando e entregou o bilhete a ele, achando que era para algum amiguinho. Depois se despediram:

- Não esqueça de sua promessa. Amanhã depois da escola passe aqui, hein... tem que me contar como é que foi.

- Passo, sim. Pode deixar.

No dia seguinte, bem cedo, quando a família foi tomar café, Pepe apareceu de uniforme e anunciou que ia à escola com os irmãos. Bem na hora de sair, entregou o envelope ao avô.

- Tome. É uma carta para você.

Seu José botou no bolso sem ler e foi para o jardim trabalhar.

Depois do almoço, fez uma pausa caminhou até a praça e entregou o envelope a Seu Miguel:

- Por favor, eu recebi está carta, mas não sei ler. Queria que o senhor lesse para mim. E depois me ajudasse a responder.

Seu Miguel logo reconheceu o que tinha escrito na véspera. Abriu e leu em voz baixa: “Você está tão chato... Vá para o inferno! Pepe.”

Olhou a cara cansada do velho e resolveu que não ia dizer aquilo para ele. Em vez disso, fingiu que estava lendo alguma coisa um pouco parecida. Assim, se o Pepe por acaso reclamasse depois, ele podia dizer que se confundiu. E leu:

- “Você está cansado. Vá para o inverno! Pepe.”

O velho suspirou e disse:

- Por favor, espere um pouco. Vou pensar na resposta.

Sentou num banco da praça. Daí a pouco voltou e perguntou:

- Posso pagar com flores? Não tenho dinheiro, mas meu jardim está bonito. O senhor escreve, eu trago umas flores num balde d’água, o senhor põe aí do lado e vai vendendo ...Ganha até mais dinheiro do que se eu lhe pagasse.

Seu Miguel concordou.

Então o velho, que já tinha recebido algumas cartas na vida e sabia mas ou menos como elas costumavam ser, ditou um bilhete:

“Estimado neto:

Espero que esta o encontre bem de saúde. Por aqui vamos todos bem, graças a Deus. Teresa se queimou numa panela a semana passada e o Tónico deu uma topada numa pedra, mas não foi nada grave.”

Depois coçou a cabeça, pensou um pouco, achou que já tinha dado notícias da saúde da família e não precisava muito mais, porque Pepe morava na casa e sabia de tudo isso.

Suspirou e continuou:

“Eu é que ando muito cansado, como você reparou – e eu que pensei que você nem ligava para mim... Tem horas que dá até vontade de parar, deitar e não levantar nunca mais. Ou, pelo menos, tirar uma soneca numa rede depois do almoço. Mas com esse calor não ia adiantar nada. Se eu pudesse seguir seu conselho e ir para o inverno até que ia ser muito bom. Mas acho que todos os invernos ficam muito longe e custam muito caro. De qualquer modo, agradeço a lembrança.”

Quando chegou nesse ponto, o avô parou de ditar e disse:

- Agora eu sei que tem que botar aquelas coisas que ficam no final das cartas e eu não sei, aquele negócio de “queira aceitar” não sei o que lá, e “protestos de estima e consideração”. Uma vez eu recebi uma carta do governo e tinha tudo isso. O senhor completa.

- Não precisa, não – disse seu Miguel. – Basta dizer “um abraço do seu avô...”

Seu José não concordou:

- Não, nada disso. Eu quero fazer as coisas direito. O menino precisa aprender como se faz. Ele tem que se educar, sabe?

Pensou melhor. Lembrou de algumas coisas e disse:

- Põe aí também:

“Você é um atrevido e um malcriadão, mas atenciosamente, seu avô.”

Seu Miguel achou que o menino merecia ouvir aquilo.

Escreveu direitinho o que o velho estava ditando. Depois dobrou o papel, guardou o envelope e deu a seu José, que foi embora. Bem a tempo, porque Pepe já aparecia do outro lado da praça. Trazia uma manga madura na mão, foi oferecendo e explicando:

- Vim cumprir minha promessa e lhe contar como foi a escola. No pátio tem uma mangueira e na hora do recreio eu brinquei muito. Trouxe essa manga para você.

- E na aula? O que tinha?

- Só risquinhos e bolinhas. Fiz um monte de rabisco e umas bolotas com o lápis. A professora disse que era treino para letras. E que eu sou muito esperto. Ela prometeu

que se eu for de novo amanhã, ela me ensina a escrever “vovô”, então eu acho que vou. Só amanhã, mas vou.

No dia seguinte, na saída da escola, Pepe apareceu de novo na praça, com a carta do vovô, para seu Miguel ler para ele.

O homem leu tudo o que estava escrito, sem mudar nada. O menino ouviu, fez cara de quem não estava entendendo.

Depois disse:

- Escreve aí: “VOCÊ É UM VELHO MALUCO.” E mais aquelas coisas no final, igual ele fez para mim: - “Mas, atenciosamente, seu neto.” O que é que isso quer dizer?

- Que ele pode ficar zangado, às vezes, mas gosta muito de você.

- Então põe igual pra ele.

Seu Miguel escreveu um tempinho, depois perguntou se queria que lesse logo para ver se estava bom. E leu:

Meu avô,

Eu gosto muito de você, mesmo se às vezes eu fico um pouco zangado e digo que você parece meio maluco. Desculpe.

Um abraço do seu neto,

Pepe.

- Você confundiu tudo – disse Pepe. – Eu não pedi desculpas. Tire isso.

Seu Miguel tirou.

- E faltou o atenciosamente.

- Eu não escrevi atenciosamente, porque escrevi um abraço. Fica melhor, quando um menino escreve para o avô.

- Então por que ele escreveu atenciosamente? Também quero...

- Por que ele é mais velho, de um tempo antigo, se usava assim... e também porque um dia ele recebeu uma carta que tinha isso, e ele quis repetir.

Pepe se admirou:

- Meu avô recebeu uma carta com essas coisas? Carta de quem? Quem escreve para o meu avô?

- Não sei. Algum amigo. Ou o governo.

- E o que o governo quer com meu avô?

- Alguma coisa de aposentadoria, talvez...

Pepe achou que já tinha perguntado coisa demais e ficou calado. Mas guardou a palavra. Se algum dia voltasse à escola, ia perguntar à professora.

Seu Miguel estendeu a carta para ele:

- O envelope é com você. Não disse que ia aprender a escrever Vovô?

- E aprendi.

- Pois então, mostre!

Pepe caprichou nos rabiscos e nas bolinhas.

- Pronto! – mostrou, orgulhoso. Estava lá: VOVÔ

- Agora só falta me pagar a carta.

- Pagar?

- Claro. Do mesmo jeito. Você vai à escola e na saída vem me contar o que aprendeu.

No outro dia, quando Pepe apareceu, Seu Miguel já tinha lido a carta dele para o avô e escrito uma resposta – mas não podia contar como era, porque o menino só ia receber quando voltasse para casa.

Mas o escrevedor ouviu com atenção o menino contar sobre as novas letras e os números que estava aprendendo no colégio. E os dois conversaram sobre aposentadoria – porque a professora tinha explicado o que era.

- Meu avô está muito cansado, trabalhou a vida inteira, agora ele tem direito a uma aposentadoria – disse o menino. – receber um dinheiro para descansar.

- Não é só isso – respondeu Seu Miguel. – A gente precisa saber se algum dia contribuiu, quer dizer, se ele tinha um emprego e se ele e o patrão pagavam todo mês alguma coisa para guardar um dinheiro para quando ele ficasse velho.

- Vou perguntar a ele – falou o menino, decidido.

Quando chegou em casa, recebeu a carta que Seu José tinha ditado em resposta. Logo reconheceu seu nome: Pepe. Bem do jeito que a professora escrevia. Ele ainda

não conseguia fazer aquelas letras direito, mas já sabia que aquelas letras no envelope formavam o nome dele. O que estava lá dentro ele não sabia. Ia ter que levar para Seu Miguel ler no dia seguinte.

Mas sobre a aposentadoria, não precisa de carta. Ele e seu José podiam falar desde já. E começaram a conversar. Sem sair nenhuma discussão. Os pais de Pepe até se espantaram:

- O que houve com esse menino? Agora vai ao colégio todo dia e não discute mais com o avô...

Na saída da aula, passando na praça, Pepe descobriu que a nova carta do avô era assim:

Meu neto:

Espero que você continue bem. Eu ainda estou cansado e não passo muito bem com este calor. Eu também gosto muito de você, mesmo quando fico zangado. Também mesmo. Gosto mesmo. Estou sentindo sua falta para me ajudar, mas estou muito satisfeito porque você está indo ao colégio e me escrevendo essas cartas tão direitinho. Fico muito orgulhoso do meu neto. Assim, daqui a uns tempos, eu nem vou precisar mais dos serviços Seu Miguel. Você mesmo vai poder me ajudar numas cartas muito importantes que eu preciso escrever para o governo há muitos anos.

Atenciosamente,

Seu avô José.

Pepe ouviu e ficou quieto. Seu Miguel perguntou:

- O que vamos responder?

- Nada.

O escrevedor estranhou:

- Por quê? Não quer mais ir à escola para pagar?

Pepe riu e explicou:

- Não, não é nada disso. Eu vou à escola de qualquer jeito, porque a professora está lendo um livro para a gente, todo dia um pedacinho, e eu quero saber como é que

a história continua. Mas é que eu ainda tenho que pensar no que eu vou querer que você escreva.

Pepe pensou mesmo muito. Conversou um pouco com o avô, fez umas perguntas à professora. Na saída da escola, veio ditar para Seu Miguel a nova carta:

“Seu Governo,

Meu avô trabalhou a vida inteira e está muito cansado. Precisa descansar e não agüenta mais ficar suando no calorão do sol. Precisa se sentar para ficar olhando o mar, tomando água de coco e pensando na vida. Ou conversando e jogando dominó com os amigos, debaixo de alguma das árvores que ele plantou. Não quer mais se preocupar com trabalho.

Ele tem direito, sabe? E quem sabe também? Ele é o melhor jardineiro do bairro, venha só ver as flores e os canteiros. Pergunte a qualquer um dos canteiros do Seu José. Mas agora ele não agüenta mais cuidar das plantas o tempo todo, tem horas que prefere descansar. E, se eu tiver que ajudar, acabo não indo à escola.

Quem disse que ele tem direito foi a minha professora. Ela é bonita e sabe muitas coisas. Ela ensina para muita gente. Pode até lhe ensinar, senhor Governo. Se você precisar aprender com ela, vou lhe explicar: a escola fica em frente à igreja e ainda tem umas carteiras vazias na minha sala. Mas o time de futebol, não tem lugar. Só se for no banco de reserva. Ou se o cara jogar mesmo muito bem.

Responda logo, porque meu avô José está velhinho e não agüenta mais esperar muito tempo.

Atenciosamente,
Pepe.”

Seu Miguel escreveu a carta. Aproveitou e mandou mais outra, dele mesmo, no mesmo envelope, explicando ao pessoal que cuida dos aposentados coisas que ele achou que faltavam.

Depois de uma semana veio uma resposta, mandando seu José passar num posto de atendimento do governo. Pepe até quis ir junto, mas não queria faltar à escola e o avô acabou indo com seu Miguel mesmo.

Ainda foi preciso juntar um monte de cartas e documentos, mas no fim das contas seu José acabou conseguindo uma aposentadoria.

Ficou muito feliz, claro. Tão feliz que ficava contando para todo mundo que o neto dele é que tinha conseguido aquilo. Daí a um tempo, dois amigos dele vieram pedir a ajuda de Pepe que, a essa altura, já tinha aprendido a ler e escrever.

Pepe ajudou, é claro.

Depois vieram mais outros. Muita gente precisava. Pepe ficou até achando que, quando crescesse, ia ser escrevedor.

Mas também foi descobrindo outras coisas e tendo outras idéias.

Passou-se o tempo. Os dias viraram semanas, as semanas viraram meses, os meses viraram anos. O avô conseguiu descansar até o final de sua vida. Por invernos e verões.

Pepe foi crescendo e continuou estudando. Por muitos dias, semanas, meses e anos.

Mas depois não virou escrevedor. Foi trabalhar no posto de atendimento do governo, ajudando as pessoas que precisavam de aposentadoria e coisas assim.

Só que descobriu que gostava muito de escrever. Por isso, vez em quando, ele escreve.

Umás coisas que não são cartas. Misturando um pouquinho de lembrança com um tiquinho de invenção. Histórias. Como esta aqui.

Quem quiser que faça o mesmo.

MACHADO, Ana Maria. **De Carta em carta**. Ilustrações de Nelson Cruz. São Paulo: Salamandra, 2002.